



# OSIRIS

REVISTA PORTUGUESA DE TEOSOFIA  
Publicação quadrimestral da Sociedade Teosófica de Portugal  
SETEMBRO - DEZEMBRO 2016, N.º 30

ISSN 0873 - 0814



## DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS

A Sociedade Teosófica é composta por estudantes que pertencem a qualquer religião no mundo, ou a nenhuma, que estão unidos pela aceitação dos Objetivos da Sociedade, pela vontade de remover os antagonismos religiosos e de aproximar os homens de boa vontade, independentemente das suas opiniões religiosas, e pelo desejo de estudar as verdades religiosas e de partilhar os resultados dos seus estudos com os outros. O seu vínculo de união não é professar uma crença comum, mas uma busca comum e a aspiração pela Verdade. Eles sustentam que a Verdade deve ser procurada pelo estudo, pela reflexão, pela pureza de vida, pela devoção aos ideais elevados, e consideram a Verdade como uma recompensa a ser alcançada pela força da vontade, e não como um dogma a ser imposto pela autoridade. Eles consideram que a crença deve ser o resultado do estudo individual ou da intuição, e não a sua premissa, e deve fundamentar-se no conhecimento, não na alegação. A todos, eles estendem a sua tolerância, mesmo aos intolerantes, não como um privilégio por eles conferido, mas como um dever que desempenham, procurando eliminar a ignorância, e não puni-la. Eles veem qualquer religião como uma expressão da Sabedoria Divina e preferem o seu estudo ao invés da sua censura, e a sua prática ao invés do proselitismo. A Paz é o seu lema, assim como a Verdade é o seu objetivo.

A Teosofia é o corpo de verdades que constitui a base de todas as religiões, e que não podem ser reivindicadas como propriedade exclusiva de nenhuma religião. A Teosofia oferece uma filosofia que torna a vida inteligível, e que demonstra a justiça e o amor que guiam a sua evolução. A Teosofia coloca a morte no seu devido lugar, como um incidente recorrente numa vida sem fim, abrindo a porta para uma existência mais plena e radiante. A Teosofia restitui ao mundo a Ciência do Espírito, ensinando o homem a conhecer o Espírito como ele mesmo, e a mente e o corpo como seus servos. A Teosofia ilumina as escrituras e as doutrinas das religiões, desvendando os seus significados ocultos e, desta forma, justificando-as à luz da inteligência uma vez que elas são sempre justificadas aos olhos da intuição.

Os Membros da Sociedade Teosófica estudam essas verdades e os Teósofos esforçam-se por vivê-las. Todo aquele que estiver disposto a estudar, a ser tolerante, a desejar o mais elevado e a trabalhar com perseverança, é bem-vindo como membro e dele dependerá poder tornar-se um verdadeiro Teósofo.

*in The Theosophist*

# OSIRIS

REVISTA PORTUGUESA DE TEOSOFIA

SETEMBRO - DEZEMBRO 2016, N.º 30  
Periodicidade quadrimestral  
ISSN: 0873-0814  
Depósito legal: 88327/95  
S.R.I.P. 100 777 STP  
Tiragem: 200 Exemplares

**Propriedade:** Sociedade Teosófica de Portugal  
Rua José Estevão 10 B, 1150-202 Lisboa  
[www.sociedadeteosoficadeportugal.pt](http://www.sociedadeteosoficadeportugal.pt)  
[geral@sociedadeteosoficadeportugal.pt](mailto:geral@sociedadeteosoficadeportugal.pt)  
Telf.: 21 353 47 50  
NIF: 501 465 251

**Director:** Ana Maria Coelho de Sousa  
**Colaboradores:** António Roque, Carlos Guerra, Marcela Marques dos Reis, Maria Alida Rodrigues, Pedro Alexandre Martins.

A S.T.P. é responsável pelas notícias oficiais publicadas nesta revista. Os artigos são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

**Impressão:** Gráfica Eborense, Sociedade Instrutiva Regional Eborense, S.A.  
Rua da Misericórdia 9-13, Apartado 28,  
7002-501 Évora

**Capa:** pormenor do jardim da Fundação Calouste Gulbenkian, foto de Ana Maria Coelho de Sousa, 2016.



## SUMÁRIO

# Editorial

SETEMBRO - DEZEMBRO  
2016

### Editorial

Ana Maria Coelho de Sousa 1

### Maria Guilhermina

José António Aves 3

### A Luz dos Nossos Corações

Isabel Nobre Santos 4

### Teosofia e Intuição

Maria Guilhermina Nobre  
Santos 9

### A Missão da Teosofia

Félix Bermudes 13

### Mestres e Discípulos

Maria Beatriz Serpa Branco 15

### O Inferno

José Correia 19

### Evolução da Vida e da Forma

Humberto Álvares da Costa 24

### O Lugar da Beleza na Vida

Lício Correia 27

### Amor e Libertação

Maria Guilhermina Nobre  
Santos 29

“Somos seres espirituais num caminho humano”, escreveu a médica psiquiatra Jean Shinoda Bolen, e não seres humanos por ventura num caminho espiritual. Ao nível da alma reconhecemos o que é sagrado e eterno. Como seres espirituais num caminho humano ansiamos pelo vínculo à nossa natureza divina, mas é por nos esquecermos disso que criamos tantas dependências, tantas necessidades fúteis. Somos vulneráveis e precisamos uns dos outros. “Um amigo a nível da alma é um santuário”, uma pessoa a quem podemos contar a verdade sobre aquilo que sentimos, sabemos ou entendemos. Ou até as nossas interrogações mais profundas. A vida é uma jornada da alma, é um conhecimento interno, onde nos devemos preocupar com o que é realmente importante para nós e não com aquilo que os outros pensam. Viver plenamente o momento presente. Esse momento pode ser agora ou nunca.

É a alma que reconhece outra alma. Para a alma se fazer ouvir, a mente tem de estar tranquila. E é nesses momentos de tranquilidade que nos podemos descobrir, pois são momentos de inocência cheios de possibilidades.

Vida e morte são as duas faces da mesma moeda. Até se poderia dizer que a vida é um estado terminal: trata-se de saber quando e como morreremos e não de saber se morremos ou não. A morte não é o fim da vida, é o fim de uma ilusão, uma libertação do sofrimento, do encadeamento de causas e efeitos. Por isso a morte é um momento abençoado, o momento mais sagrado da existência, pois oferece finalmente o ensejo de se entrar num espaço ilimitado. Assim nos é dito.



É o momento em que a Realidade, depois de tudo, se revela.

Aprender a viver é aprender a amar e, logo, aprender a perder. Aprender a amar é aceitar os nossos limites, conhecer a nossa impotência. A vida é uma aprendizagem da aceitação do real. É esta a dimensão da vida. Por isso se diz que quem viveu de forma correta, harmoniosa e bela, não tem que temer a vida depois da morte.

E são muitos os teósofos que, ao longo do tempo, têm dado testemunho desta forma de viver. Vêm estas palavras a propósito do recente falecimento de Maria Guilhermina Nobre Santos que, além de

ter sido durante muitos anos Secretário-geral da secção portuguesa da Sociedade Teosófica, dedicou toda a sua vida à transmissão e vivência do ideal teosófico. O número desta revista Osiris é dedicado à sua memória, sendo nela incluídos, para além de textos e poemas seus, também outros textos de teósofos portugueses que já nos deixaram.

Pode e deve considerar-se rica a secção nacional que teve o privilégio de contar entre os seus membros seres que devemos considerar como marcos na vivência da espiritualidade.

*Ana Maria Coelho de Sousa*



*Maria Guilhermina Nobre Santos  
Peniche, 1922 - Lisboa, 2016*

# Maria Guilhermina

JOSÉ ANTÓNIO AVES

O olhar era cheio de bondade  
O semblante pleno de compaixão  
Desde nova procuraste a verdade  
Escondida atrás de cada coração

Armada de generosidade fazias  
Milagres a ensinar novos e velhos  
E em cada gesto teu sempre trazias  
Uma saca bem cheia de conselhos

Simples como a própria simplicidade  
Engenhosa e sempre pronta a observar  
Fazias da ternura a tua verdade  
Conjugando em pleno o verbo amar

Faleceste como viveste, em paz!  
Rodeada de amor fraternal  
Tudo aquilo que se fez ou faz  
Se inscreve no éter intemporal

Olha por todos os que aqui ficamos  
Com a proteção do teu imenso amor  
Nos corações todos nós guardamos  
A eterna memória do teu esplendor

Lisboa, 28 de setembro de 2016

# A Luz dos Nossos Corações

ISABEL NOBRE SANTOS

É difícil escrever sobre alguém que acompanhou toda a minha vida desde a concepção e que partiu há pouco tempo. Chego à conclusão que, apesar de todas as nossas experiências e convicções, não há nada que nos prepare para o irromper dos grandes momentos da VIDA – e ainda bem que assim é. Ainda bem que, nos momentos limite do Amor e da Partilha, somos abanados até aos nossos fundamentos pela irrupção da novidade que está para além do saber e do sabor, porque se nos impõe a partir de um nível de realidade tão fundamental que não pode ser obscurecido pelo já conhecido.

Escrever sobre a Maria Guilhermina, ainda tão próximo da sua partida, é-me quase impossível. Mas gostaria desde já de partilhar convosco alguns pensamentos sobre ela.

Maria Guilhermina nasceu num dia de novembro de 1922 em Peniche, perto do vasto mar que ela tanto amou e numa paisagem privilegiada, plena de imponentes falésias, areia branca e mar revoltoso. Cresceu a ouvir os pios das gaivotas e a nadar naquele que passou a chamar “mare nostrum”, quando com uma Prima que, tal como ela, amava escrever e poetar e falar francês, iam dar longos passeios em que partilhavam os seus sonhos de virem para Lisboa estudar.

O francês, primeira língua aprendida de uma amiga da casa, vem da infância, assim como a sua vocação de Professora: aos seis anos, na idade em que a maior parte das crianças brincam e correm, alfabetizou a empregada da casa, uma adulta analfabeta que a pequena Maria Guilhermina ensinou a ler e a escrever. Começou cedo a escrever contos e poesia, que por vezes publicava em jornais locais.

Gosto de vê-la como um exemplo da evolução das mulheres em Portugal, ao longo do século vinte, pois conseguiu vir para Lisboa estudar, primeiro Românicas (curso que fez até ao quarto ano), depois Filosofia, em que obteria a sua licenciatura após ter defendido tese.

Descobriu a Teosofia aos 26 anos e, maravilhada com a Lei da Inofensividade, tornou-se vegetariana, seguindo uma tendência que no fundo já era a sua. Casou aos 36 anos e foi Mãe só aos 39, o que, para a época, era considerado muito tarde.

Ao longo da sua vida como cidadã e Teósofa, ensinou, ajudou inúmeras pessoas, acompanhou os nascimentos e mortes da família e, por vezes, de alguns amigos... Ajudou também espiritualmente quantos dela se abeiravam em busca de consolo, paz de espírito ou um conselho. Era a amiga de todos os seres: de manhã, abria a janela e cumprimentava os pássaros; conversava

com as plantas enquanto as regava e – como muito bem notou uma das suas netas – tinha um respeito que se estendia às crianças, que ouvia sempre não em função da pouca idade que tinham, mas do SER interior que ela conseguia aperceber e a quem, então, dedicava um atenção real e cheia de afeto.

Não cabe no espaço destas breves palavras, que não são ainda o texto que ela merece e um dia há de surgir, a narrativa de tantas coisas que fez e dos muitos seres que inspirou. A certo passo da sua vida, teve de passar em Angola alguns anos, trabalhando e acompanhando o Marido que tinha sido transferido para Sá da Bandeira. A viagem tinha começado com imensa nostalgia da sua parte, nunca tendo saído da Europa, onde já tinha viajado bastante, temia sentir-se desenraizada fora do solo Europeu. Mas a sua atitude de abertura e amizade depressa lhe conquistou, em África como na Europa, muitos amigos sinceros. E o seu coração cheio de amor depressa a fez amar África como tinha amado a Europa, de uma afeição tão pura que, no regresso à Europa quatro anos depois, não conseguia impedir a tristeza por ter que partir.

Relembrando as suas principais características, diria que ela era muito humana, mas sempre de uma forma elevada: nos seus pensamentos, nos seus sentimentos, havia uma limpidez que não convivia com mesquinhez ou falta de generosidade. Pelo contrário, conseguia sempre encontrar nos outros algo de bom, e a todos tratava com muito carinho. Das coisas extraordinárias que lhe foram acontecendo ao longo da vida, não trata este texto. Mas posso afirmar com plena confiança que

a sua experiência da espiritualidade era de molde a que nunca tivesse temido a morte e tivesse podido ligar-se e expressar toda a sacralidade da vida, através da simplicidade de cada momento.

Mesmo já depois de estar doente e acamada, nunca lhe ouvi uma palavra de irritação, pelo contrário, demonstrando a sua qualidade, sempre agradecia, sempre desejava o melhor a quem dela tratava ou a visitava. O seu amor era palpável, mesmo quando o seu corpo já mirrava. E algumas pessoas que eu já não encontrava há anos telefonavam-me, surpreendendo-me com o relato dos sonhos em que ela lhes transmitia verdades espirituais ou dirigia meditações (ao mesmo tempo que o seu corpo estava doente e enfraquecido). Pessoas que eu não via há tanto tempo e que não se conheciam umas às outras.

Da sua poesia, publicou apenas um livro quando tinha 22 anos: *Voo Curto*. Alguns críticos literários e professores universitários consideraram que havia na sua poesia algo de existencialismo (naqueles anos de juventude). Mais tarde, deixou de se dedicar à escrita para ter tempo para a Teosofia, cuidar da família e de tantos outros e sempre dar de si a todos.

Da primeira fase da sua poesia transcrevo alguns poemas que nos podem revelar a intensidade do seu SER que mais tarde se reforçou na sua *Busca Espiritual* e na sua *Vivência da Teosofia*.

Poemas da Maria Guilhermina do seu livro de poesia da juventude, *Voo Curto*, que assinou como Maria Carmo.

QUEM

*Quem foi que me ensinou  
as palavras que digo?  
Quem deu força ao meu braço  
e o guia para escrever?  
Quem me deu luz aos olhos  
e o desejo de querer?  
Quem pôs na minha alma  
a alegria de existir,  
a sensação do azul,  
do amor e do porvir?*

FAROL

*O caminho era tão longo!  
tão difícil de vencer!  
e eu com pressa de chegar...  
Vinha de longe,  
donde fugiram as risonhas primaveras  
e a noite apagou o dia.  
Sem luz, os meus olhos cegos  
só viam o farol da esperança...  
Caminhava sem descanso  
e faltava tanto!  
Diante de mim,  
elevava-se uma montanha sem fim.  
E a luz, lá no alto,  
a atrair-me...  
Cheguei a meio e parei.  
Estava exausta.  
Deitei-me na escarpa,  
enrodilhei-me na treva,  
tomada de desalento,  
sem coragem para descer,  
sem forças para subir...  
Então uma voz me animou,  
mais perto, a luz brilhou  
e subi... e subi...  
sem esperanças de vencer...*



## TRANSIÇÃO

*Entre ontem e hoje,  
entre o que fui e o que sou,  
passaram eternidades  
de passados e presentes  
e ontem para o futuro  
do meu agora passou.  
Para as horas paradas,  
do meu ontem hoje presente,  
olham os olhos fechados, do que eu não sou...*

*Mas quem sou eu afinal?  
Porque fui? Porque sou?  
Porque estava e porque vim?  
E onde me posso encontrar?  
A vida não é bem nem mal,  
é um meio e não um fim,  
e eu sou uma estrela sobre o mar,  
a caminhar para mim...*

.....

Podemos ver, mesmo na dor e na busca expressos nestes seus versos dos vinte anos, toda a força da sua Alma em busca de Luz. Muito mais tarde, há de escrever de novo poesia, mas já só depois dos oitenta e muitos anos. O que leva alguém cujo

sonho é ser escritora deixar os seus sonhos pessoais para trás, para estar e ser sempre ao serviço de todos os que a rodeiam? Eis alguns exemplos do que escrevia, muito mais tarde, por exemplo em 2009, com a idade de 86 anos:

## NOITE DE LUAR

*Noite de Luar,  
Na imensidão  
Sonham nossas Almas,  
Canta o coração...  
Para mim não quero  
A imensidão...  
Quero Fraternidade  
E compreensão.*

UNIVERSO – NOSSO LAR

*Todo o Poeta é vaidoso  
Julga poder traduzir  
Mistérios do Universo  
Que ainda hão-de vir...*

*O Universo é um campo  
De Energia Espiritual  
E nela tem origem  
Todo o mundo material.*

COMEÇAR DE NOVO

*A vida...  
O Sol brilhando no monte  
A Água correndo na fonte  
O Amor no coração  
O Sonho da bondade  
E a Esperança do perdão,  
Viver pela Humanidade  
E pela nossa perfeição...*

Se partilho aqui estes poemas, é por estar consciente de que eles ilustram o percurso de uma Alma que consegue chegar a uma idade avançada com grande pureza interior e muito amor. Apesar de ter deixado sonhos por realizar, Maria Guilhermina soube talvez realizar o melhor de tudo: amar todos os que a rodearam e ainda todos os seres, mostrar sempre com discrição e

pudor o quanto podia ajudar quem dela se abeirava e, até ao fim, irradiar à sua volta uma luz cheia de ternura e serenidade.

Não me despedi, pois com ela aprendi que não há despedidas para o Amor. E esse Amor que ela tão bem conseguiu SER, brilha através de cada um de nós e de todos quantos a conheceram. ∞

# Teosofia e Intuição

MARIA GUILHERMINA NOBRE SANTOS

**J**inarajadasa fala-nos frequentemente da nova humanidade da intuição, cujas características são bem diferentes das da humanidade atual.

Como procede a ‘intuição’? Identificando-se com o indivíduo que deseja compreender; unificando-se com os seus sentimentos e pensamentos; penetrando os seus problemas e anseios. Pela intuição o homem é mais capaz de apreender a essência das coisas, as causas dos atos alheios e, portanto, sente uma maior predisposição para a indulgência e para a caridade.

Dizia Bergson: “A intuição leva-nos à verdadeira intimidade com a vida, com o mesmo êxito absoluto com que a inteligência nos guia nos segredos da matéria”. Para este filósofo, como para nós próprios, a intuição é ainda mais importante do que a inteligência. De um modo geral, todas as pessoas têm lampejos desta maravilhosa faculdade; é, porém, nos artistas que ela se manifesta de uma maneira mais plena através de uma visão interpretativa da Vida. Mas os representantes da Humanidade intuitiva são os Grandes Instrutores que veem sempre o uno na diversidade e defendem o Amor como fonte inexaurível de Bênçãos para o mundo.

A Intuição corresponde a Budhi, um dos sete princípios do homem, e pode ser despertada por vários métodos:

- 1) Contemplar um Todo – a intuição manifestar-se-á tornando-o vivo e dinâmico;
- 2) desenvolver o sentimento da Ternura – é mais fácil a intuição manifestar-se numa alma afetuosa e compassiva do que num espírito orientado por princípios de grande severidade e rigidez;
- 3) entrar em contacto com a Natureza – comungar com a Natureza é unir-nos à Vida Universal, de que trazemos em nós uma parcela. Certamente que todos vós haveis experimentado esse sentimento de plenitude e ao mesmo tempo de reverência e gratidão que nos invade quando do alto de uma montanha ou à beira do mar contemplamos a vastidão infinita da Natureza e sentimos a poderosa efusão do Belo derramar-se nas nossas almas. A Arte é, portanto, outro meio de desenvolver a intuição. Todo o homem oculta em si o artista, por muito rudimentar que pareça a sua intuição do Belo. Como Teósofos temos o dever de cultivar o Belo, de nos impregnarmos de Beleza, de proporcionarmos aos outros oportunidades de a viverem também.

Desenvolveremos a intuição tanto mais depressa quanto melhor compreendermos o nosso dever de espalhar a Luz que a Teosofia nos deu e quanto mais amarmos os nossos Irmãos em Humanidade.

É pois necessário pormos no espírito o desejo firme de sermos úteis para o Trabalho dos Mestres e para o Serviço da S.T.

Os que sentirem em si o entusiasmo teosófico, utilizarão a paz e a força que jorram constantemente do Alto.

Em vez de olharmos para o passado com a ideia simplista de que o tempo decorrido foi o 'melhor', pensemos no futuro, nas oportunidades que nos estão ainda reservadas de sermos úteis e de podermos contribuir para a felicidade dos outros. Não admitamos nunca que as dificuldades são invencíveis e que os obstáculos hão-de surgir permanentemente no caminho das nossas aspirações.

Há dois trabalhos complementares a que os Teósofos deveriam dedicar-se. O primeiro consiste em destruir os preconceitos para criar um mental aberto. Disse Einstein: "É mais fácil desintegrar um átomo do que desintegrar um preconceito". Realmente, os preconceitos constituem obstáculos terríveis ao desenvolvimento da Fraternidade e da Intuição. É absolutamente necessário libertar esta faculdade da teia inextricável de pensamentos e preocupações que a obscurecem, impedindo-a de se manifestar com todo o seu esplendor.

O outro trabalho seria desenvolver a Intuição, fazendo atuar sobre os homens, como já disse atrás, as forças espirituais vindas do Alto por meio de uma vida pura, da prece, da meditação profunda, da elevação do espírito até os mais nobres ideais, das cerimónias religiosas que utilizam ritual, da criação de Centros de irradiação das Forças Ocultas.

Cada Ramo pode ser considerado um destes Centros, um Canal por onde essas Forças podem jorrar para o mundo e, por isso, ao assistirmos a uma reunião devemos

fazê-lo com uma atitude de espírito simultaneamente receptiva e comunicativa de modo a irradiarmos através dos nossos corpos essas forças benéficas e de colaborarmos ativamente no Grande Plano.

A Sociedade Teosófica é um poderoso centro, um cadinho onde as forças espirituais são caldeadas, transmutando-se em correntes de energia que vão influenciar profundamente não só os seus membros, mas a Humanidade em geral.

Todos conhecemos o papel importantíssimo desempenhado pelos Centros de Adyar, da Austrália e de Huizen\*, na Holanda. Para maior eficiência nos resultados da sua atividade seria conveniente criar outros Centros subsidiários, que deveriam existir em todos os países, em ligação direta com os Centros principais. Essa necessidade faz-se sentir, igualmente, no nosso País.

Outros exemplos de grandes Centros são as Catedrais antigas, como Santiago de Compostela, o Panthéon de Paris, o Colégio dos Jesuítas que serviu de base à criação da Cidade de S. Paulo, no Brasil. Em muitos desses monumentos que a fé e a piedade dos homens medievais fizeram surgir respira-se, ainda hoje, um profundo e empolgante sentimento de religiosidade.

A Religião, segundo o Bispo Wedgwood, é "este fator nas nossas vidas que nos liga à Fonte do nosso Ser, a Deus ou à Mónada individual, de que tiramos a existência". Há na Religião diferentes campos, mas todos eles contribuem para auxiliar a Humanidade. O próprio desenvolvimento

---

\* NE: atualmente, Centro Teosófico Internacional de Naarden

da emoção e da faculdade de pensar, voltadas para as coisas mais elevadas, faz parte da atividade religiosa.

Muitas pessoas reagem desfavoravelmente contra as cerimónias religiosas, por ignorarem o fim para o qual elas foram criadas. O trabalho da Igreja oferece dois aspetos: por um lado, ocupa-se do progresso espiritual dos seus membros como indivíduos, através de uma instrução moral e religiosa baseada em métodos de oração e meditação e de prática de boas obras; por outro, propõe-se ser um Centro de influências espirituais para auxílio do mundo exterior. A vaga de influência mental resultante de uma Cerimónia em que se congregam os pensamentos de muitos indivíduos, é muitíssimo mais poderosa do que qualquer exercício de meditação individual. O objetivo das cerimónias é influenciar o homem no seu conjunto e não apenas nesta parte que se confina ao mundo físico; é elevar-nos numa comunhão consciente com o nosso Eu superior.

Qualquer Religião é um Caminho que nos conduz a Deus, como se expressa nestas belas palavras do livro “Aos Pés do Mestre”:

“Tem sentimentos de perfeita tolerância para com todos os homens e presta às crenças dos que praticam uma religião diferente da tua um interesse tão cordial como às tuas. Porque a sua Religião, tanto como a tua, é um Caminho que leva ao Supremo... É preciso libertares-te primeiro do fanatismo e da superstição. É preciso aprenderes que não há cerimónias indispensáveis; de outro modo, julgar-te-ias melhor, de certa forma, do que aqueles que não as praticam. Não se deve, contudo, condenar os que se prendem ainda às cerimónias”.

O que é pouco desejável é supor-se que os ritos e as cerimónias podem substituir o esforço individual.

Quase poderíamos dizer o mesmo em relação ao facto de se pertencer à S.T. Ser membro desta organização, pura e simplesmente, pode trazer-nos vantagens espirituais, mas não basta; o importante é considerar a Teosofia sob o aspeto prático, incorporando os seus princípios na nossa atividade quotidiana. A Teosofia é, acima de tudo, a ciência da Vida e, portanto, a sua aplicação prática tem um valor inapreciável. Quando soubermos aplicar os seus ensinamentos teóricos à vida corrente, teremos compreendido a Teosofia. Estudar o conteúdo inesgotável dos bons manuais e literatura teosóficos é já muito bom, contudo, é ainda melhor assimilar os seus princípios de tal maneira que constantemente os possamos ter presentes no trabalho diário, nas ocupações mais vulgares e aparentemente mais despidas de Beleza e elevação espiritual. Muitas vezes consideramos impossível utilizar esses conhecimentos. Pura ilusão! Nos Ramos, no seio da família, nos trabalhos profissionais, na educação daqueles que nos são confiados para os ajudarmos a progredir espiritualmente, na vida social, nas atividades intelectuais ou políticas, podemos e devemos sempre aplicar os ensinamentos teosóficos.

Procuremos, pois, tornar-nos colaboradores do Grande Plano, trabalhando pelos mais puros ideais da Fraternidade e da Evolução de todos os Seres, reconhecendo que o indivíduo é uma parcela do Todo e que a sua verdadeira felicidade começará quando ele compreender que é inseparável



dos seus semelhantes, pelos quais deve lutar e sacrificar-se em perfeito espírito de solidariedade e Amor.

Uma das mensagens da Teosofia é mostrar que a Felicidade é possível se todos compreenderem a Unidade. Por isso, o nosso dever principal é Amar os nossos irmãos de uma maneira desinteressada, com espírito indulgente, considerando-os como fins e não como meios.

Meus irmãos, não devo abusar por mais tempo da vossa paciência. Deixovos, pois, com o desejo sincero de que o conhecimento da Teosofia possa fazer desabrochar nos nossos corações as flores maravilhosas, incomparáveis, que crescem nos Jardins do Eterno! ∞

*In: Osíris, n.º 91 / julho, agosto, setembro 1955*

### **ESCALADA**

*A Madame Jeanne Sylvie Lefèvre*

*Uns sobem a montanha sorridentes;  
vão outros absorvidos, abismados.  
Uns não se quedam nunca de indiferentes  
mas retrocedem num vaivém, cerrados*

*no seu egoísmo. Corações ardentes,  
alguns se lançam tontos, apressados;  
mas vão tão cegos (corações e mentes)  
que seguem por atalhos desviados.*

*Ao cume da Montanha, lá ao cimo,  
um de entre muitos chegará. Arrimo  
leva-o dentro de si, ninguém o sabe.*

*Mas a luz, o farol que ele entreviu,  
nunca mais o perdeu: subiu, subiu,  
porque anseia dar Luz à Humanidade.*

Celeste Fábila Flores Pereira

*In: Osíris n.º 49 / janeiro, fevereiro, março 1945*

# A Missão da Teosofia

FÉLIX BERMUDES

**P**ara compreensão do que vai seguir-se, convém recordar que os egos humanos não têm a idade dos eus corpos, mas das suas almas, isto é, a soma dos períodos de tempo correspondentes a todas as suas encarnações e aos intervalos entre elas.

Os egos, nos primeiros estágios de humanização, alimentam de superstições as suas aspirações espirituais e contentam-se com aquelas práticas de idolatria sempre acessíveis às almas infantis. Só em plena adolescência, quando começam a despertar para a vida do espírito, procuram refugiar-se na religião.

Mas as religiões, por muito puras que sejam na sua essência, por mais alto que se erga a sua moral, têm que ser ministradas pelos homens, que logo lhes infiltram os seus erros, os seus fanatismos, a sua intolerância, e acabam por desfolhar a flor da fé, nos arcanos das almas reflexivas.

Então os egos insatisfeitos, já em idade de emancipação, lançam-se no campo sem limites da investigação científica. Mas a ciência dos homens é igualmente sujeita a erros, a desmandos, a impetus de orgulho que a transformam numa arma implacável contra os aprendizes de feiticeiro que a manipulam e a espalham sobre a humanidade irrequieta.

Procurando conciliar os dois princípios, religião e ciência, os homens já

capazes de investigar no mental abstrato, criaram a Filosofia. Foi a porta que se rasgou para o Conhecimento. Mas a filosofia, criação do homem, para onde quer que se voltasse esbarrava contra uma muralha de névoa impenetrável, uma densa cortina de mistérios, entre os quais se erguia, como uma catedral perdida no Infinito, o Mistério da Vida, criação de Deus. Só a Sabedoria revelada pelos Grandes Seres que já transpuseram o limiar da Evolução divina, poderia realizar o milagre de libertar o homem da sua prisão de treva, do fosso das víboras da sua ignorância impotente, que constantemente o morde e sem remédio lhe infiltra o veneno das paixões e do vício. Mas a Sabedoria Divina só podia ser revelada sem perigo às almas boas, aos pioneiros avançados da grande corrida do homem para Deus. Sempre que um véu dessa Sabedoria se ergueu antes do tempo e permitiu vislumbrar uma lei nova às almas que só estavam preparadas pela inteligência, a falta de equilíbrio moral da humanidade gerou implacavelmente uma catástrofe.

Assim aconteceu com a alquimia, que depois de se conservar útil e inocente de sangue durante largos séculos, ao revelar-se ao público na estrutura da química moderna, produziu os espantosos instrumentos de destruição que tem dizimado a humanidade e ameaçam aniquilá-la.

Mal o homem conquistou os espaços e descobriu o segredo de voar, logo criou a aviação de guerra que lhe permite levar a morte onde quer que palpita a vida. A descoberta do automóvel veio trazer à guerra as unidades motorizadas.

A bio-química e a bacteriologia estão sendo laboriosamente estudadas no sentido determinado de destruir os povos, sem discriminação das vítimas.

Estes passos lamentáveis dos progressos da ciência, aplicados satânicamente à produção do ódio e do sofrimento e à destruição sistemática da humanidade, já não podem ser entravados se não conseguirmos elevar a um grau suficiente o nível moral das almas.

É forçoso, além disso, nunca mais nos afastarmos do prudente sistema das antigas Escolas Iniciáticas, onde os mistérios só eram revelados progressivamente a estudantes que iam prestando irrecusáveis provas de perfeita virtude e amor do próximo.

É esta a função atual da Teosofia, escola de cultura universal que recolhe, coordena e concilia toda a Verdade conquistada nos três campos, Religião, Ciência e Filosofia, acrescentando-lhes os conhecimentos respigados, aqui e além no mundo oculto, pelos pioneiros da Vida do Espírito. Assim constrói a Teosofia um corpo vastíssimo de doutrina onde toda a ansiosa curiosidade da alma encontra resposta e satisfação. ∞

In: Osíris, n.º 69 / janeiro, fevereiro, março 1950

*O tronco da árvore pode ser vergado pelo temporal, os seus ramos podem ser agitados pela ventania, mas as raízes hão de, necessariamente, buscar apoio em terra firme. Tal é o ser humano. No meio das forças desencontradas que o sacodem, no meio da luta que tem de travar consigo mesmo, arrastado pelas boas ou más tendências, ora vencido, ora vencedor, ele tem que lançar raízes num terreno estável que lhe dará a coerência e a unidade imprescindíveis para o seu próprio desenvolvimento, é a ele que deve cingir-se como a planta à terra-mãe, para poder resistir ao vendaval desfeito dos inúmeros desejos, das mais desencontradas paixões, das transformações que o seu ser mortal vai sofrendo.*

In: Da Verdade e do Conhecimento à Luz da Teosofia, Maria Júlia Sant'Ana  
Osíris, n.º 70 / abril, maio, junho 1950

# Mestres e Discípulos

MARIA BEATRIZ SERPA BRANCO

A existência de homens mais sábios que o comum dos mortais, e que se dedicaram a instruir os outros partilhando os tesouros do seu espírito, é-nos testemunhada pela tradição das mais antigas civilizações.

Na Índia, sobretudo, a existência do guru, ou instrutor, faz parte da própria origem orgânica da sociedade hindu, havendo mesmo uma casta – a dos brâmanes – cuja missão consistia em alcançar a sabedoria, não apenas para seu próprio aperfeiçoamento, mas para comunicar aos outros, através da sua palavra e do seu exemplo.

De entre estes, alguns se tornaram especialmente dignos de veneração e estima devido à alta espiritualidade da sua vida e dos seus ensinamentos.

Na história das grandes religiões, os seus fundadores e aqueles que com eles colaboraram são-nos apresentados como exemplo de Sábios, a quem, por virtude dessa mesma Sabedoria, são atribuídos poderes extraordinários.

Porque a sabedoria confere poder, muitos a têm procurado numa intenção egoísta de aquisição de ciência e de domínio. Por isso, muitas vezes, a dignidade da função de instrutor se tem desvirtuado, ao mercadejar os seus conhecimentos com aqueles que os procuram para a sua própria

satisfação e lucro. Mas a verdadeira sabedoria recusa-se a quem a si a procura para si, ou a tenta fazer objeto de vil comercialismo. Podem alcançar-se poderes, é certo, dedicando toda a vida (que melhor seria aplicada ao serviço dos outros) a treinos especiais e arriscadas práticas de Yoga, mas a verdadeira iluminação perde-se no nevoeiro dos desejos egoístas, por mais refinados e subtis que possam apresentar-se.

Os ensinamentos Teosóficos, que alguém já descreveu como “a apologia do bom senso”, põem-nos em guarda contra essa poderosa sedução da técnica e aquisição dos poderes psíquicos, que, além de perigosas para a saúde mental e física quando não dirigidas por instrutores competentes, podem prejudicar altamente a evolução do indivíduo, afastando-o do verdadeiro Caminho.

Pelo contrário, a meta que a Teosofia apresenta ao estudante é do mais elevado e puro idealismo, personificado no Sábio, mas ao mesmo tempo Herói e Santo, cuja vida de renúncia e sacrifício, como a de um Cristo ou a de um Budha, servem de iluminação e remédio à humanidade sofredora.

Desde que os fundadores da Sociedade Teosófica começaram a apresentar ao mundo as ideias teosóficas (as quais, como declararam, não são ideias novas, mas fazem parte do mais antigo património espiritual

da humanidade) que o ideal e a existência dos Mestres foram afirmados.

Que é então um Mestre, segundo a Teosofia?

Os Mestres ou Mahatmas representam, dentro do esquema teosófico, um ideal perfeitamente coerente, e até de absoluta necessidade lógica.

Dado que as doutrinas teosóficas defendem a ideia da evolução para todos os seres, através de sucessivas existências (reguladas pela lei de causa e efeito, a que se dá o nome de Karma), e que, portanto, o homem, tal como as outras criaturas, se deverá ir aperfeiçoando por meio de experiências sucessivas, é absolutamente indispensável admitir que haverá na sua evolução um ponto em que o seu destino humano seja perfeitamente realizado.

Quer dizer, a própria aceitação dos grandes princípios evolutivos da reencarnação e do karma postulam logicamente a crença na existência de homens superiores, completamente desenvolvidos sob todos os aspetos humanos, a que chamamos Mestres, e cuja realidade histórica é confirmada através dos tempos, desde as mais antigas civilizações.

E por que, entre outras designações que lhes são igualmente aplicáveis, lhes chamamos Mestres?

Porque, além de sumamente bons e sumamente fortes, Eles são também perfeitamente Sábios, e correspondem, numa escala superior, ao velho ideal Guru ou instrutor a que a princípio nos referimos.

Dizemos numa escala muito superior, porque, enquanto se costuma entender por guru um sábio que aceita discípulos para lhes comunicar a experiência intelectual

ou iluminação que ele próprio atingiu, o Mestre que a Teosofia nos apresenta é, além do instrutor espiritual, o guia e o inspetor de uma vida de serviço, totalmente consagrada ao serviço da humanidade.

É isto – antes de mais o que um Mestre representa nas doutrinas teosóficas – um Homem tornado perfeito, um Homem que, como qualquer de nós, experimentou as duras lições do sofrimento e do erro, mas que as aproveitou como degraus até atingir a iluminação. Um Homem que alcançou a meta da Libertação, mas que renunciou a ela para continuar ligado aos seus irmãos mais novos e atrasados, sabendo que a Sua experiência e o Seu auxílio lhes podem acelerar e facilitar o caminho da felicidade e do progresso.

Foi, aliás, nessa intenção, segundo alguns teósofos acreditam, que dois desses Grandes Seres estimularam a criação da Sociedade Teosófica, cujo principal objetivo, - a realização do ideal da Fraternidade - reflete parte das intenções que Os animam no Seu plano de auxílio ao Mundo.

Que os Mestres podem, de facto, inspirar os membros da Sociedade Teosófica no seu trabalho altruísta testemunharam-no Madame Blavatsky e o Coronel Olcott, assim como outros teósofos cheios de ideal, para quem os Mestres, segundo eles próprios confessaram, serviram de inspiradores e guias numa vida até ao fim dedicada à propagação dos ideais da Sociedade e à exemplificação deles em atitudes de verdadeiro teósofo. Tais foram os casos da Dr.<sup>a</sup> Annie Besant, do Bispo Leadbeater, Dr. Arundale, Dr. Jinarajadasa, e outros, para não citar senão os mais conhecidos



dentro da nossa secção. Não temendo o ridículo ou o descrédito, todos eles tiveram a coragem de reconhecer os Mestres como inspiradores de muitas das suas mais belas obras, para que outros, dentro ou fora da Sociedade, movidos pelo mesmo ideal de Serviço, pudessem encontrar o Caminho que eles mesmos seguiam.

Nas obras em que nos afirmam a existência dos Mestres ou Mahatmas, mostram-nos como esses Grandes Seres necessitam, para a realização do Seu trabalho, de auxiliares ou discípulos que, vivendo em contacto com o Mundo, o possam influenciar através das suas obras e das suas vidas, muitas vezes completamente ignorados dos seus semelhantes. Esses auxiliares são, segundo uma expressão já consagrada, autênticos canais da força, da espiritualidade, das bênçãos e da paz que os Grandes Seres derramam sobre a Humanidade, já que, embora Homens de carne e osso, e habitando o nosso planeta, são por vezes obrigados a viver em lugares isolados, onde exista a tranquilidade necessária à Sua elevada missão de criadores de energias benéficas e vivificadoras.

Quais são, agora, as qualidades descritas como necessárias para essa tarefa de auxílio no trabalho dos Mahatmas, e qual a atitude que leva à aceitação como discípulo?

A primeira qualificação é o Amor. Como se diz em *A Voz do Silêncio* – “Viver para beneficiar a Humanidade é o primeiro passo”. Tal como o objetivo da vida do futuro discípulo, tal a sua atitude de coração e mente, ao desejar aproximar-se dos Mestres, e seguir o “estreito caminho que conduz à vida”, no dizer de São Mateus.

Esta qualidade que com maior segurança ilumina o discípulo ao longo do período de provação que tem de atravessar, já que se propõe fazer o sacrifício de concentrar em poucas vidas o número de experiências necessárias ao seu desenvolvimento, que normalmente se distribuem por centenas de existências.

Outras qualidades também indispensáveis àquele que aspira tornar-se um auxiliar da Humanidade, tal como foram descritas por um dos Grandes Instrutores com toda a clareza e simplicidade no livrinho *Aos Pés do Mestre* para elucidação de um jovem discípulo, são: o discernimento, a ausência de ansiedade pelos resultados da ação e a boa conduta, cujas múltiplas facetas constituem o domínio do mental, o domínio da ação, a tolerância, a alegria, a inquebrantável unidade de objetivos e a confiança.

Todas elas, dizem-nos, se devem ir adquirindo através da meditação e do serviço, numa aliança indispensável entre o pensamento e a ação, de tal maneira que, embora continuando a viver no Mundo, com as suas obrigações familiares e sociais, o discípulo se vá aproximando cada vez mais do Mestre, através de “um coração purificado e uma vontade gradualmente desenvolvida”, nas próprias palavras de um desses Irmãos mais velhos.

Vemos assim que o desenvolvimento do discípulo prossegue essencialmente ao longo de uma sólida construção do caráter, de um gradual desenvolvimento de qualidades relacionadas com a vontade, a mente e o coração. É este, sobretudo, que leva o discípulo a uma atitude de tão pura devoção para com o Instrutor, que se lhe torna

possível ser cada vez mais a expressão e o centro de onde emana essa vida mais alta e mais bela que o Mestre representa.

A relação entre ambos ganha cada vez um sentido mais rico, fonte de inspiração e razão de ser do discípulo, que encontra nela a expansão do seu verdadeiro Eu, e a realização da unidade com o Todo, já que o seu Mestre representa, pelos seus atributos de Divino Amor, a unidade com a própria Vida.

Tal é o ideal inspirador que a Teosofia nos oferece, ideal de sacrifício e de renúncia, mas simultaneamente o mais compensador, pela alegria e inspiração que traz ao Mundo, já que cada discípulo se há de também tornar um dia, para os que sofrem nas trevas da ignorância e dos egoísmos – “O Caminho, a Verdade e a Vida”. ∞

In: Osiris, n.º 94 / abril, maio, junho 1956

*Chamo a atenção de todos para o nosso primeiro dever: reforçar os Ramos existentes e revigorar neles o entusiasmo pelo trabalho. Precisamos de arejar os nossos programas e de experimentar novos métodos de estudo, depois de apresentados, discutidos e aprovados nos respetivos Ramos. É absolutamente indispensável que cada membro tome parte ativa nos trabalhos e traga sempre o seu contributo espiritual, por muito modesto que ele seja. A Teosofia só ficará completa, e a Sociedade Teosófica só será perfeita quando cada membro for capaz de revelar aos outros a sua própria e original Teosofia. Mas para isso é indispensável também estudar com cuidado e carinho, embora sem dogmatismos, aquela sublime Teosofia que os nossos Instrutores Maiores nos legaram à custa de tanto labor.*

In: Mensagem do novo Secretário Geral, Délio Nobre Santos  
Osiris, n.º 58 / abril, maio, junho 1947

# O Inferno

JOSÉ CORREIA

**P**ara mentalidades abertas e crenças firmes não há ventos que abalem. O homem cria o seu mundo pela forma como procede. Para espíritos não tradicionalizados ou mortos, o seu enriquecimento contínuo é uma tônica permanente.

Um dos mais propagados desde a Antiguidade e veiculado por todas as religiões com tintas mais ou menos horripilantes, de fogo e sangue, de horror e de angústia, tem sido o do Inferno.

Ainda há quem creia nele e num Demónio tão poderoso como Deus, pois que se um tem para ele a eternidade do Bem, o outro tem para si a eternidade do Mal.

Não vou aqui entrar numa análise profunda destes dois aspetos do que em sânscrito se designa por caminho da Pravritti, caminho de Saída, e Nivritti, caminho de Regresso; um, o caminho da sementeira, o outro, o da colheita; um representando a involução; e o outro a Evolução; o primeiro alegorizando a penetração da Consciência na Matéria, o segundo o da Consciência que se eleva ao Espírito. É a parábola do Filho Pródigo. No fim de tudo acabaremos todos por chegar à conceção cósmica Sankhya de um Purusha – Espírito – e uma Prakriti – Matéria, ambos eternos e primordiais.

A descida da Consciência à Matéria e a sua subida ao Espírito poderão comparar-se

a uma descida ao Inferno, ou infernos e uma ascensão ao Céu ou ao Nirvana, como se diz no Budismo.

Como teósofos poderíamos citar H. P. Blavatsky como tendo escrito que o Inferno não existe e que se algum lugar houvesse-mos de lhe conceder, esse seria a Terra.

É aqui, neste minúsculo planeta da nossa cadeia planetária, designado em tibetano por Myalba (Terra ou Inferno) que nós poderemos encontrar o apropriado lugar de punição para todos os nossos erros e atropelos, pois, crendo-se em muitas religiões numa lei inviolável de reencarnação, acompanhada por outra designada por Karma (ou Lei do Reajustamento ou Causa e Efeito) é no próprio lugar da falta e em relação com os seus autores e intervenientes que teremos de vir a saldar ou corrigir os nossos pecados.

No fundo creio que muitos acreditam e outros não, em qualquer forma de Inferno e de Demónio, ambos iguais e eternos, pela alegada perenidade dos seus castigos e dos seus prémios. A verdade é que se uns o aceitam, por ignorância, outros, os que fingem aceitá-lo, procedem assim por mera virtude política em condescendência com as tradições enraizadas. E aqui nos surgem dois tipos muito comuns de pessoas às quais se pode falar e ameaçar com o Inferno.

Este tem sido e por mais uma ou duas dezenas de anos continuará a ser, um amortecedor das paixões e das violências humanas sob quaisquer modalidades ou formas em que se apresentem, se concretizem. Se num relance observarmos o que em diversas religiões se entende por Inferno, poderemos e teremos de notar em todas elas idênticos pontos de encontro e de semelhança.

Assim, no Hinduísmo, temos, para depois da morte, um julgador Yama, ao qual um Introdutor, Chitrakupta, lê no Grande Registo, Agra-sandhna, qual foi a vida da alma desencarnada.

Para os Egípcios é Anúbis, divindade com forma humana e cabeça de chacal, quem conduz à presença de Osíris, o supremo juiz, as almas dos mortos, as quais regressarão à sua múmia passados mil a três mil anos (simbolizando aqui a múmia a promessa objetiva de nova encarnação).

Quanto à Grécia aparece-nos nela um Minos, juiz do Hades, o submundo governado por Plutão, com idênticas funções, sendo Caronte o barqueiro que na sua barca conduzia aos infernos as almas dos defuntos. Mais perto de nós, as religiões do Oriente Médio e o Ocidente, quer as pagãs, quer as hebraicas ou cristãs, sem exclusão do Maometismo, todas nos falam do Inferno e o representam, por vezes, com escabroso e temível dramatismo pictural.

E assim se chega a uma concepção universal sobre essa generalização de um juízo e de uma condenação após a morte. Tal concepção vem claramente expressa nos Vedas com a dual distinção entre Suras e Asuras, i.e., deuses e demónios representados

também coletivamente entre os Persas por Ormusd e Arimânio, ou melhor, forças cinéticas e estáticas, positivas e negativas, de avanço e resistência, comprovadoras de um dualismo polar – espírito e matéria – uno, apesar de tudo e expresso em formas de construção e de necessária destruição, a fim de haver Progresso, Vida, Evolução, Manifestação e Universo.

Não me parece relevante entrar neste momento em mais pormenores quanto a estes dois aspetos inseparáveis da manutenção do Corpo Cósmico, criadores da Existência, sempre em renovação de acordo com os cinco modos de manifestação divina explícitos no Siva-Sutra como: Manifestação, Apego, Ideação, Proliferação e Destruição.

Homero dá-nos na Odisseia uma descrição mitológica em que se descreve o Inferno como uma região vaga, brumosa e árida habitada pelas sombras dos que foram mortais e que, tristes e aborrecidos, carpem saudades das vidas passadas no mundo material que deixaram. Não penetra ali o Sol e uma serpente, a Piton de cem cabeças vomitantes de fogo, persegue infatigavelmente as almas dos condenados. Ali se encontra Tântalo em pé, no meio de um lago, faminto e sedento, mas incapaz de se poder saciar. Também Sísifo, o saltador da África, rola continuamente naquela estância um enorme penedo que eleva ao cume de um monte donde, abruptamente, ele volta a cair. São formas de alusão aos desejos nunca satisfeitos que mútua e continuamente se geram.

Para Virgílio, o Inferno é já um lugar hierarquizado, disciplinado, onde

preponderam os já citados Minos, Caronte e agora o célebre cão de três cabeças, Cérbero, que guarda a entrada do infernal antro. Logo à entrada surgem-nos os Desgostos e os Remorsos vingadores, as Doenças, a Velhice tristonha, o Medo e a Fome, má conselheira, a miserável Pobreza, o Sofrimento e a Morte, monstros terríveis, o Sono, irmão da Morte, as Alegrias impuras da alma, a Guerra assassina, as Fúrias e a Discórdia com a cabeleira eriçada e víboras, a Hidra com nove cabeças renascentes, a Quimera, as Górgones, as Harpias e os sonhos vãos.

Na conceção homérica oferece-nos uma região vaga. Na Virgiliana, uma região bem demarcada onde as gradações das torturas tomam um aspeto voltado para a personalização das mesmas, designadas por Doenças, Velhice, Guerras, etc., como se acabou de dizer. Plutarco corroborou Virgílio na sua linha.

O mito homérico refere-se à insaciedade do desejo, fonte de renascimento, como se diz nas Escrituras Orientais, quando se declara que “O desejo gera corpos”. É esta a origem da persistência das suas escolas filosóficas quando propõem a extirpação daquele. Inculcam-nos para isso as suas diversas formas de Ioga, tanto em voga hoje.

Será no entanto o Inferno um lugar ou antes um estádio de consciência em corpos extrafísicos globalmente chamados alma?

É aqui que se situa a raiz do problema, uma vez que em todas as formas da sua apresentação religiosa é a entidade desencarnada quem sofre as consequências da sua vida objetiva. Ora, por falta do corpo material

físico, só noutra permanente, até pelo infinitismo dos seus proclamados tormentos, poderá a alma receber o sofrimento, depois do seu Dia de Juízo. Eis uma prova mais a favor da possibilidade de novas encarnações e desencarnações, dada a permanência da alma e a percibibilidade do corpo. De resto, mesmo no Novo Testamento se encontram numerosos testemunhos de reencarnacionismo, ali chamado “ressurreição”. S. Paulo esperava também que o “Cristo nascesse em nós”. Pressupondo tal facto, é natural que o homem espiritual, interior, permanente, tenha de passar por diversos estados de consciência, alguns dos quais, pela sua violência lhe poderão parecer eternidade, pois que para quem sofre, a um segundo pode chamar mil anos e a um prazer um relâmpago. Mas tanto na representação homérica, como na virgiliana, o desejo de voltar a nascer é uma constante que resulta da saudade.

Na parábola cristã dos sete irmãos que casaram com a mesma mulher, a viúva do primeiro, sucedendo-se uns aos outros como maridos, pergunta-se a Jesus: “Na ressurreição (reencarnação diríamos nós) a qual deles pertencerá ela, pois os sete a tiveram por esposa?” (L. 28)

A resposta de Jesus situou-se num plano referente ao que em terminologia oriental se diria Ioga ou realização. Eis a sua resposta: “Os filhos deste mundo casam e são dados em casamento, mas aqueles que forem julgados dignos de participar do outro mundo e da ressurreição dos mortos, nem se casam, nem são dados em casamento, porque já não podem morrer: são semelhantes aos anjos e, sendo filhos da ressurreição, são filhos de Deus”.



Também um dia quando orava em particular, perguntou Jesus aos discípulos: “Quem dizem as multidões que Eu sou?”

Responderam-lhe uns que João Batista, outros que Elias e ainda alguns que um dos profetas ressuscitados. Disse-lhes Jesus que Elias já voltara, como João Batista e que não fora reconhecido, tendo-o tratado como quiseram.

A Ressurreição e a reencarnação poderão ser muito bem palavras sinónimas nos Evangelhos, mesmo que outras dimensões mais profundas se possam extrair das mesmas.

É todavia certa uma coisa: a de uma descida e a de uma subida da consciência desde os supramundos aos submundos e destes aos supramundos. Uma queda no Inferno e uma ascensão ao Céu.

Identicamente se alegoriza que Cristo e Buda, bem como Prosérpina, desceram ao Inferno e dele ascenderam depois. É o caso para o primeiro da descida ao cárcere onde se encontravam os espíritos, a fim de lhes pregar e o do segundo que lhes ofereceu um fio como os de teia-de-aranha para do Inferno subirem ao Céu, igualmente, todos os condenados que naquele encontrara. Prosérpina não desceu ali voluntária mas raptada, por Plutão, onde, depois de resgatada por Júpiter teria de permanecer seis meses por ano.

A explicação para esta terá de ser um pouco diferente, mas foi também uma afirmação de descida e de ascensão, mas em sentido astrológico.

Creio que depois da morte todos teremos de viajar, como desencarnados, desde os mundos materiais até aos mais subtis e

mais permanentes, donde algum dia haveremos de regressar.

Esta viagem ou resposta da consciência aos impactos dos vários mundos processa-se por meio de fases ou planos. A Consciência é o Peregrino o mundo à procura do Templo donde não mais sairá. O Inferno é um mito aproveitado magistralmente por Dante nos começos do século XIII na sua Divina Comédia.

A demora e a extensão do sofrimento nos submundos depois da morte física, à qual outras se seguirão como em teosofia se diz, é maior ou menor segundo a intensidade do desejo.

No Bhagavad-Gita menciona-se igualmente, o Inferno no Capítulo 1, 42, 44 e no Cap. XVI, 16, 20, 21, lendo-se ali que o desejo, a cólera e a ambição são os três pecados responsáveis pela queda no mesmo. E para o Budismo as faltas que a ele também conduzem cometem-se pelo corpo, pela palavra e pelo pensamento. Os membros, a língua e a cabeça são as três portas que a ele nos levam. Pelo corpo tira-se a vida aos seres vivos, furta-se e condescende-se com as paixões carnis. Pela língua diz-se o que não é verdadeiro, faz-se mexerique, blasfema-se, sustentam-se conversas sem proveito. E pela cabeça alimenta-se a ambição, a avareza, a malícia e a falsa crença.

Naturalmente que as religiões não deixarão de ter os seus antídotos para tudo isto. Moisés deixou-nos para tal as Tábuas da Lei. Cristo, se não houvesse outros, este belíssimo mandamento: “Que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei. Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos”.

E Buda viu resumida a sua doutrina nestes três simples versículos: “Destruir o pecado. Praticar a virtude. Purificar o coração”.

E cito para concluir, extraindo-o do Catecismo Budista, este importante passo: “O Universo está sujeito a uma causação natural conhecida por Karma. Os méritos e os deméritos de um ser em existências passadas determina a sua condição presente. Cada homem preparou conseqüentemente as causas dos efeitos que agora sofre”.

E encerro esta breve ou longa digressão pelo Inferno com a transcrição desta nota inserta no Índice Bíblico-Pastoral da Bíblia editada pelos Padres Capuchinhos: “A ideia do Inferno é bastante complexa, está ligada com a literatura apocalítica e escatológica, não podendo por isso tomar-se à letra”.

Eis a morte do Inferno. ∞

*In:* Osiris, n.º 182 / abril, maio, junho 1978

*Poderíamos talvez dizer de maneira metafórica, que o homem, mesmo sem o pressentir, busca o seu eremitério e a sua tebaida, à semelhança daqueles macerados monges que viviam retirados no deserto, livres das tentações dos homens e das vaidades deste mundo. Do mesmo modo, o homem comum, quando se liberta da cidade e vem ao encontro da Natureza, descobre-lhe maiores encantos e atrativos, que até então haviam passado despercebidos, mas que, dadas as circunstâncias em que se encontra nesse momento, o seu significado real avultará de uma maneira nítida e concreta. Não só a Natureza muda para ele, como também é ele próprio que se transforma. Qualquer coisa de novo se opera na sua mente, desde o prazer de se interrogar a si mesmo com mais frequência, até ao amor nunca experimentado da consoladora solidão.*

*In:* Valor e significado espiritual da vilegiatura, Manuel Lopes da Silva  
Osiris, n.º 72 / outubro, novembro, dezembro 1950

# Evolução da Vida e da Forma

HUMBERTO ÁLVARES DA COSTA

**P**rocurando a verdade, tentamos um conhecimento do Universo visível e invisível, e já avançamos muito quando descobrimos que essa verdade somos nós próprios.

“O homem – como diz o Dr. Jinarajadasa – é uma parte ínfima do Todo, e, contudo, de uma misteriosa maneira, é ele próprio este Todo”. Por outras palavras: cada verdade referida ao Todo, pode ser encontrada de algum modo em cada fração do Todo.

As verdades sobre Deus e a Natureza também existem no próprio Homem, por mais estranho que isso pareça. Descobri-las, eis a nossa grandiosa tarefa. Tarefa que, no estádio evolutivo atual, se faz sobretudo através do intelecto, dado o desenvolvimento razoável que este tomou.

No entanto, conhecer através do mental, de Manas, é ter uma visão exterior das coisas. A mente examina por fora, classifica, descreve os mínimos pormenores. Ao afirmarmos conhecer um indivíduo, temos presente o seu aspeto físico; recordamos as suas feições, a sua estatura. Dizemos tratar-se de um filantropo se o vimos entregar a atos de auxílio aos infelizes; chamar-lhe-emos egoísta ou vaidoso, se pelo seu comportamento ele merecer essa designação. Mas podemos ter a certeza de que os juízos assim formulados, são na maioria dos casos injustos e falsos.

O conhecimento através de Manas mostra-se, pois, impreciso e falível, e nós perguntamos angustiosos como necessidades várias. Uns precisam de oxigénio para viver; outros, como o agente do tétano (um veneno), só se desenvolvem em anaerobiose, em feridas profundas, fora do contacto com o ar. Se para uns a fonte de energia é a luz, outros preferem as reações químicas.

A luta pela vida faz com que cada ser arranje os mais habilidosos estratagemas para manter a sua raça. Se fornecermos temperatura desfavorável a uma bactéria, ela imediatamente enquista. Por vezes, para matar, temos que recorrer à traição. Fornecemos-lhes intermitentemente, primeiro, condições favoráveis, e logo a seguir condições péssimas.

Enfim, a heterogeneidade verificada é tão grande, que só com boa vontade conseguiremos admitir uma origem comum para todos os seres. Da homogeneidade parte-se para a Diversidade.

Do mineral, séculos e séculos passados, nós vimos nascer a oliveira e o cão; a rosa e o Homem.

Mentalmente estabelecemos divisões. Falamos em reinos: mineral, vegetal e animal. Todos estamos de acordo que um pinheiro difere de um cavalo e de uma pedra. Mas, descendo na escala animal

e vegetal, chegaremos a seres dos quais é impossível dizer, com certeza, se são plantas ou animais, porque apresentem caracteres dos dois reinos.

A nossa admiração atingiu o auge quando soubemos que os vulgares causadores, por exemplo, da gripe e da raiva – os vírus –, são moléculas que podem apresentar características dos seres vivos.

São seres de uma simplicidade tal que, sem equipamento enzimático, só podem viver na célula viva. Aí comportam-se como os chamados seres vivos. Fora dela, cristalizam como se fossem minerais. Apresentam, pois, dois ciclos, um – o biológico, em que assimilam; outro, como mineral, em que cristalizam. São – parece – o termo de transição entre o mundo mineral e o organizado. As barreiras entre os três reinos desmoronam-se e o mineral aparece-nos manifestando vida.

As formas evoluem tendendo para o tipo humano, o ponto mais avançado que se atingiu na escala evolutiva. É, apesar de não conhecermos todos os elos desta imensa cadeia, sabemos que, para chegar ao Homem, teve de haver uma passagem através de cada um dos degraus da escada.

Todavia, o problema complica-se. Os nossos animais domésticos – o cão, o gato e o rato – apresentam caracteres emotivos e intelectuais muito próximos dos humanos; por vezes, muito mais até do que o macaco antropoide. No aspeto forma, o macaco está mais perto do tipo humano, mas o mesmo não poderemos dizer do cão, tal é a dissemelhança.

Se a evolução se fizesse invariavelmente através de toda a escala das formas, haveria no

caso do cão uma perda. As características tão humanas que este revela resultariam inúteis.

Esta objeção é, à primeira vista, insolúvel. Alarguemos, no entanto, o conceito de Evolução da Forma para englobarmos também a Evolução da Vida.

Através dos reinos Mineral, Vegetal e Animal está em ação a Vida Una. Dia após dia constrói formas, para logo as destruir numa luta feroz pela subsistência. Mas nada se perde. A forma morre. A vida retirar-se-á e a soma de experiências colhidas será utilizada mais tarde na reconstrução da outra forma mais apta do que a primeiro.

Respondendo às excitações exteriores, a vida vai crescendo, evoluindo sempre; e em cada progresso uma parte maior de consciência é posta em liberdade.

Contudo, essa vida, que é Una na origem, mesmo antes de entrar no mineral, diferencia-se em sete correntes, que por sua vez se subdividem noutras sete. Temos, pois, 49 tipos de vida diferentes. Estes, ao atingirem a sua expressão mais elevada no reino animal, entram em formas que o Plano Divino pôs em contacto com o homem, na qualidade de animais domésticos para assim este servir de Mestre, de instrutor, a seres que vão iniciar uma fase decisiva na sua Evolução. Constituem as portas de entrada da Humanidade.

Mas se uma das correntes conduz ao Homem, outra pertencerá à evolução dos Devas ou Anjos. A evolução da Vida toma assim aspetos de complexidade crescente. E, ao meditarmos na beleza do Processo Divino, a nossa alma engrandece-se. Somos arrastados por uma felicidade real ante o Vigor e Harmonia da Natureza.

A nossa consciência como que se alarga, identificando-se com ela; e experimentamos alegria sem limites, quando sentimos que esta também é a nossa Obra.

O trabalho do cientista consiste na reconstrução deste grandioso processo. Por isso ele não pode ter ideias preconcebidas. Pasteur é sem dúvida um dos homens a quem a Ciência Médica mais deve. Estudou e resolveu problemas cujos resultados são de incalculável valor para a Humanidade. Mas, para tal, ele viveu numa simplicidade monástica. A ternura da esposa abnegada soube criar-lhe o ambiente de paz interior, sem o qual a nossa alma não poderá elevar-se às alturas onde se divisa o desenrolar do Grande Processo, onde podemos apercebe-lo para o fazer descer até aos Homens.

Assim, o génio de Pasteur criou definitivamente uma nova Ciência – a Bacteriologia. Criou-a ante o riso unânime da Sociedade de então, que descrevia que pudessem bichos invisíveis, tão minúsculos como as bactérias, causar doenças. E, contudo, o bacilo da desintéria,

por exemplo, tem ganho talvez mais guerras do que todos os generais e exércitos. Montgomery, na opinião dos americanos, venceu a campanha do Norte da África à custa deste pequenino ser, cuja grandeza é de ordem do milésimo milímetro.

Hoje, a cada momento, o Homem utiliza o trabalho de Pasteur, sem se recordar dele. Esquecem-se também deste memorável conselho, que o grande génio nos deu, no dia em que, após vis perseguições, lhe fizeram justiça: “A ciência e a paz devem triunfar da ignorância e da guerra; as nações devem unir-se não para se destroçarem, mas a fim de se instruírem umas às outras; pois o fruto pertencerá àqueles que mais tenham feito pela humanidade que sofre”.

Pasteur resume nesta frase a nossa Teosofia.

Não preciso dizer mais.

Guardemo-la nos nossos corações! ∞

In: Osíris, n.º 76 / outubro, novembro, dezembro 1951

*A natureza divina do homem é a grande verdade que a Teosofia nos ensina e que a flor do Lotus simboliza. Este é um dos ensinamentos mais importantes que a Teosofia procura transmitir-nos, mas é um conhecimento que terá de ser uma experiência individual, uma experiência que, cada um de nós terá de sentir e realizar em si mesmo e por si só.*

In: O Lotus Branco, Lia Carmo  
Osíris, n.º 191 / julho, agosto, setembro 1980



# O Lugar da Beleza na Vida

LÍCIO CORREIA

Como forma de abordagem a este oportuno tema entendemos centrá-lo no plano do conhecimento da ciência atual, mais do que numa visão exclusivamente teosófica, principiando por isso por recorrer ao modo como são aceites – em termos gerais – os conceitos afins de beleza, arte e estética.

Surge-nos então o conceito de arte como forma de atividade criadora, pela qual o homem cria beleza, trabalhando a matéria, a imagem ou o som, esforçando-se por dar expressão ao mundo, material ou imaterial, que o inspira.

Ao longo dos tempos este conceito, tendo em atenção a realidade karmico/evolutiva dos povos foi, ele próprio, assumindo diferentes expressões.

Na Idade Média, de acordo com o estatuto diferenciado então existente e dividindo a sociedade entre escravos e homens livres, encontrar-nos-íamos, neste contexto, perante os conceitos de ‘artes manuais’ para escravos e ‘liberais’ para homens livres.

Posteriormente, mas ainda no dealbar da Idade Média, deu-se uma evolução conceptual para artes ‘mecânicas’ (relacionadas com o artesanato) e ‘liberais’ (aritmética, dialética, geografia, gramática e história da música), artes estas que eram objeto de estudo nas faculdades de cânones, direito, medicina e teologia.

Note-se entretanto e desde já, a existência de um elo de ligação entre as artes e o saber.

Mais tarde, já no Renascimento, passa a ser definida como ‘Belas-Artes’, o conjunto que integra a arquitetura, a escultura, a gravura e a pintura.

De notar que atualmente este conjunto de atividades são normalmente designadas como artes-plásticas, o que as contrapõem à arte da palavra (literatura e poesia) e à arte do som (música).

Num esforço criativo em busca do seu conceito de beleza – recreando a realidade – a humanidade, em função da sua variedade, utiliza técnicas que refletem as estéticas mais diversificadas, enquanto cultiva os correspondentes estilos. Devemos entender por estilo a adaptação da técnica a uma determinada realidade individual ou coletiva.

Busquemos agora sintetizar o conceito de Beleza, a qual, devendo desenvolver-se associado à noção de virtude, se vai afigurando também como indissociável do conceito de harmonia, normalmente entendida esta como uma manifestação esplendorosa de uma realidade perfeita, de uma ideia, um ser ou um estado de ‘alma’ que provoca uma sensação de profundo agrado, conforme à capacidade de emoção estética inerente ao sujeito cognoscente.

Vale a pena recordar Kant quando este diz que “o belo é o que agrada universal-

mente, sem conceito”, conferindo-lhe assim uma dimensão superior: universal, não-local e intemporal.

Deste modo não será exagero dizer que a arte preexiste na natureza e dentro de nós, vindo a propósito recordar o escultor quando disse “não criei esta estátua (da massa informe de pedra onde ela se encontrava) limitei-me a senti-la, a tirar o que estava a mais e que por isso nos impedia de a ver e sentir”.

Se considerarmos ainda a relação, que se pressente, entre a arte e a virtude ou moralidade (dimensão cultural ou adquirida) importa também recordar Ezra Pound, poeta norte-americano (1885-1932), quando diz que “a boa arte não pode ser imoral”.

De facto percebe-se ainda a existência de uma ligação entre o conceito de harmonia, beleza e o sagrado, de que resultará o ‘sublime’, procurando o equilíbrio harmónico, visando superar a entropia (vista como medida de desordem) no sentido da negentropia tendente à harmonia interior como objetivo a atingir.

Segundo J. Segond, *Traité d Esthétique*, 1947, a harmonia implica a proporção, o número, a medida. A beleza, mais interior e mais imaterial, implica a medida imediata do número que a compõe e a unifica. Note-se aqui a importância da dimensão holística, central a qualquer abordagem que se pretenda de raiz verdadeiramente teosófica.

Naturalmente que tal medida associa também à beleza a necessidade da educação, na medida em que supõe um regime de percepção privilegiada (característica de Egos evoluídos) e uma operação – corporal e mental – que solicite a integração absoluta

e o desenvolvimento equilibrado de todas as nossas potencialidades.

Podemos assim dizer que o belo surge da harmonia, tanto quanto da totalidade do nosso Ser, bem como também de um ambiente interno e externo (educação e hábitos culturais) orientado no sentido de através da beleza – conforme referimos – fazermos despertar, alargar e tornar progressivamente conscientes da nossa natureza Superior.

Analisemos agora este tema de outro ângulo e para tal vamos recorrer a Xenofonte, referindo Sócrates: “um objeto só é belo quando é feito por nós ou pela natureza, de tal modo que se adapta aos fins para os quais queremos que ele nos sirva”. O belo será assim o que é conveniente, e responde ao objetivo esperado. É também aquilo que se ama.

Apercebemo-nos assim do papel instrumental da beleza, pelo que importa que esta se desenvolva sempre num quadro de virtude e de equilíbrio e harmonia universais.

Teosófica poderemos dizer que a beleza é um instrumento indispensável para ‘compreender’ a nossa Natureza Superior e intemporal, não sendo esta perceptível sem a compreensão do papel da Luz que a Beleza ajuda a projetar sobre nós e que também nos permite, em absoluta harmonia, alargar a Consciência e iluminar o caminho de cada um, rumo à plena realização do fim último a que estamos destinados: “homens condenados a ser Deus”. ∞

Comunicação apresentada no Seminário Teosófico O lugar da Beleza na Vida, Lisboa, 22 e 23 de maio de 2010

# Amor e Libertação

(ou O Amor à Luz da Teosofia)

MARIA GUILHERMINA NOBRE SANTOS

O que é o Amor? Poetas e Filósofos têm especulado sobre este tema, através dos séculos, procurando defini-lo em termos imortais, como o próprio Amor.

No livro “Aos Pés do Mestre” o Amor é considerado uma das qualificações imprescindíveis para quem quer entrar no ‘Caminho’.

Diz o Mestre: “De todas as qualidades requeridas, o Amor é a mais importante, porque quando ele é bastante forte suscita todas as outras, e estas sem o Amor nunca poderiam bastar. Interpretam-no muitas vezes como um desejo intenso de libertação do ciclo de renascimentos e mortes e de atingir a união com Deus. Mas, traduzi-lo assim é fazer entrar nele o egoísmo e não exprimir senão uma parcela”.

Como podemos conciliar esta doutrina com a noção corrente de Amor, onde domina a ideia de alguma coisa que une e aprisiona aqueles que o experimentam? Poderá a união significar libertação?

Esta definição mostra bem a dificuldade de nos pronunciarmos sobre assunto de tal natureza. Contudo, se meditarmos atentamente nas palavras do Mestre e as comentarmos apoiados em alguns filósofos que trataram deste problema, encontraremos para além da letra que mata e de aparentes contradições a verdadeira

essência do Amor, cujo aspeto divino é revelado pela Teosofia.

Consideremos em primeiro lugar Platão que desenvolve no ‘Banquete’ a sua teoria do Amor. Para ele, o objetivo de quem ama é despertar na alma do ser amado a nostalgia do ideal. Este Amor não é o desejo inferior das coisas transitórias; é o Amor das almas que, como expressão de Deus, é eterno. No sentido universal, Amar é desejar o bem e a felicidade sob todas as formas, é procurar atingir o Belo e, através dele, a Imortalidade, porque o ser mortal participa da Imortalidade pela fecundação e pela geração. O ato de gerar, sendo de caráter divino, só pode realizar-se por meio do Belo e do Bem que acompanham, necessariamente, o desejo da Imortalidade.

Platão considera os homens fecundos segundo o corpo e segundo o espírito. Os primeiros buscam a perpetuidade gerando filhos que farão sobreviver a sua memória; os segundos geram a Sabedoria e as outras virtudes. Todos, porém, procuram a Beleza para nela gerar, visto que só o Belo se harmoniza com o Divino.

Sigamos agora o pensamento platónico através das palavras de Diotima, interlocutora de Sócrates na obra já citada – o ‘Banquete’ – quando aquela tenta explicar-lhe em que consiste a contemplação:

“Quem quiser chegar a este fim pelo bom caminho deve começar, enquanto é novo, por buscar os corpos belos. A princípio, se for bem dirigido, não deve amar senão um corpo e sobre ele discorrer com beleza. Depois, observará que a beleza de qualquer corpo é irmã de um outro; com efeito, se é conveniente buscar a beleza da forma, seria necessário ser bem desajeitado para não ver que a beleza de todos os corpos é uma e idêntica. Quando se tiver convencido desta verdade deve amar todos os corpos belos e abandonar o amor violento de um só corpo, como sendo coisa de pouco valor que não merece senão desdém. É preciso que considere em seguida a beleza das almas como mais preciosa que a dos corpos, de modo que uma bela alma, mesmo num corpo sem graça, lhe baste para tornar melhor a juventude. Por aí será levado a ver a beleza que existe nas ações e leis e verificar que esta é sempre igual a si própria em todos os casos e a considerar, portanto, que pouco vale a beleza do corpo. Das ações dos homens passará às ciências e reconhecerá também a beleza que nelas existe. Chegando assim a uma visão mais extensa da beleza, já não ficará preso à beleza de um só objeto e deixará de amar, com os sentimentos estreitos e mesquinhos de um escravo, ou uma criança, ou um homem, ou uma ação. Voltando agora para o oceano de beleza e contemplando os seus múltiplos aspetos, criará sem descanso belas e magníficas ideias, e os pensamentos brotarão abundantes do seu amor da sabedoria, até que o seu espírito fortalecido e alargado aperceberá uma ciência única que é a ciência do Belo”.

Realmente, quem tiver conseguido elevar-se das coisas sensíveis e efêmeras à contemplação da Beleza simples e eterna, que não conhece o nascimento, nem a morte, nem a corrupção da Beleza de que participam todas as coisas belas, poderá dizer que alcançou o verdadeiro caminho do Amor.

A esta espécie de Amor poderemos talvez chamar ‘Amor Intelectual’.

Amar uma alma é entrar em contacto com a Beleza que ela encerra, é sentir o apelo do Infinito, é mergulhar no próprio seio da Divindade. “Deus é Amor”, disse o Mestre, e São João afirmou: “Sabemos que passamos da morte à vida, porque amamos os nossos irmãos. O que não ama permanece na morte”. “O que não ama não conhece Deus”.

Em Santo Agostinho encontramos uma conceção do Amor semelhante à de Platão, o que é muito natural, visto toda a sua filosofia estar impregnada de platonismo. Ele baseia o seu sistema de moral no Amor que constitui, por assim dizer, a ponte entre os homens e Deus e convida-nos a Amar para além de todas as limitações que o corpo nos impõe, imitando o Amor Divino. Assim, o Amor no sentido completo da palavra é a fonte da conduta e das ações humanas. A vontade reta é o Amor Bom e a vontade perversa é o amor mau cuja essência é a cobiça. Esta cobiça ou amor-próprio revela-se em nós pela submissão às tendências inferiores e tendências para o pecado; o Amor, pelo contrário, manifesta a docilidade em relação a Deus. Segundo aquele filósofo cristão é o “Amor que fornece a bondade às virtudes. Assim, a virtude

teologal da força não é senão o amor quando ele suporta tudo pelo que ama e a justiça é orientada e proporcionada conforme o Amor”.

A moral de Santo Agostinho resume-se na sua definição de virtude: “Ordo est Amoris”. Pelo amor e pelo conhecimento o Homem que procura Deus pode elevar-se a uma beatitude que a transcende, porque se identifica com o próprio Amor. O Amor encarado sob este aspeto é a Caritas, expressão que não pode traduzir-se pela vulgar palavra Caridade, uma vez que ultrapassa a moral e as virtudes, pressupondo-as e englobando-as.

O Amor leva sempre a uma comunhão, a uma união com o ser amado no que ele tem de divino, e quanto mais completa for essa unidade mais perto de Deus se encontra o Homem.

É de Santo Agostinho o seguinte pensamento que encerra um mundo de Sabedoria: “Assim é o Amor. Só ele conhece o segredo de, dando aos outros, mais se enriquecer a si próprio”.

Na verdade, o traço fundamental do Amor é dar. Dar constante e desinteressadamente, dar em pensamentos e ações, dar até ao sacrifício total, dar mesmo quando se tem a sensação de não poder dar mais ou de ser inútil a dádiva. Todavia, se por um lado dar-se é despojar-se, por outro é enriquecer, é ganhar ser, ganhar perfeição. O Homem só encontra a felicidade esquecendo-se de si e dando-se porque, se o Amor se transforma em cobiça, em egoísmo, como diz São Boaventura, nem a carne obedece ao espírito, nem o espírito ama com retidão; ambos desejam ainda o Bem, mas agora reina a

desordem no Amor: a ordem da justiça foi violada e com ela a retidão do Amor. Amar com retidão quer dizer amar cada coisa ordenadamente, pelo Sumo Bem, que deve ser superior a todos os outros e no seu dom perfeito de Amar encontramos o verdadeiro exemplar do humano.

Sendo o Amor uma dádiva, entende São Boaventura que se o amado for uma criatura humana suscetível de todas as fraquezas inerentes à sua condição, nenhuma garantia oferece. O Homem, neste caso, só tem uma certeza: a instabilidade do ser amado. Isto provoca a inquietação, porque ninguém pode viver tranquilo na incerteza do amado.

Quanto a mim, esta afirmação do Santo é contrária à verdadeira conceção do Amor. Se há Amor há unidade, há semelhança, há firmeza no sentimento; se de um lado há traição ou falta de sinceridade, é porque o Amor não existia. Se o Amor Real é, primeiro, uma fusão de almas e depois a sua fusão em Deus, como é possível admitir a infidelidade? Só negando o Amor.

O objetivo de São Boaventura, neste ponto, é mostrar a falibilidade do amor humano perante a excelência do Amor Divino e para isso propõe a Fé como degrau inicial para o Amor. A Fé, porém, não é comum a todos os homens, apenas aos que possuem a graça, na opinião deste filósofo. É a graça que torna o Homem semelhante a Deus e o faz digno do Amor.

Portanto, acompanhando o pensamento de São Boaventura, verificamos que o verdadeiro Amor, o único capaz de satisfazer plenamente o Homem, é o do Sumo Bem, fonte de Prazer mais perfeito.

Deste modo pode perguntar-se se, na verdade, o Amor ao Sumo Bem é desinteressado e como pode conciliar-se com o desejo pessoal do prazer.

São Boaventura responde a estas objeções. Para ele o Amor é essencialmente desinteressado; amar o Sumo Bem é dar-se-lhe. Se o que ama considera o Amor eterno e incriado como origem de toda a Alegria, o seu prazer corresponderá sempre às exigências do Amor e nunca poderá amar o seu prazer mais do que o Amor que o produz. No momento em que quisesse sobrepor o seu prazer, deixaria de Amar.

Poderíamos dizer como São Bernardo:

“Quem não procura no Amor outro prêmio além do Amor, recebe a alegria que ele dá; quem procura no Amor algo diferente do Amor, perde ao mesmo tempo o Amor e a alegria que ele dá”.

Amar e renunciar a tudo, eis o segredo da felicidade e o caminho da libertação.

Vejamos o conceito de Amor num filósofo do período moderno – Espinoza:

“O Amor é uma alegria a que se junta a ideia de uma coisa exterior”.

Para se compreender o sentido desta definição é necessário saber o que ele entende por Alegria.

Alegria, na filosofia espinosista, é a passagem da alma de uma menor a uma maior perfeição. Se o Homem nascesse com a perfeição à qual passa, para a possuir não teria necessidade da Alegria. Contudo, a Perfeição Suprema só a pode alcançar mergulhando no Absoluto.

Espinoza não concorda com os autores que definem o Amor como a vontade que tem o amante de se unir ao objeto

amado, porque tal concepção exprime apenas a propriedade do Amor e não a sua essência. Essa vontade de se unir ao ser amado, para este pensador, não é uma deliberação porque na alma não há nenhuma vontade absoluta ou livre; a alma é determinada a querer isto ou aquilo por uma causa igualmente determinada. A vontade, neste caso, é o contentamento que existe em quem ama devido à presença do ser amado, contentamento que reforça a Alegria daquele.

Para Espinoza, o princípio de toda a atividade moral num ser finito é “o esforço pelo qual tudo tende a perseverar no seu ser ...”. Os sentimentos e as emoções são a expressão desta tendência e mudam conforme ela é satisfeita ou contrariada. Se essa tendência é satisfeita e temos a consciência de um alargamento do nosso ser, experimentamos Alegria e, no caso contrário, Tristeza. Todavia, o Homem permanece escravo das suas paixões enquanto crê na existência individual e no livre arbítrio. Então, exposto a todos os males perde a tranquilidade na busca infrutífera dos bens quiméricos. Se, pela Razão, chega a compreender que tudo é regido pela necessidade e se lhe submete, encontra nesta resignação a paz e a felicidade. Se, enfim, se eleva a este conhecimento intuitivo que lhe dá a visão de Deus e de todas as coisas em Deus, liberta-se por completo das paixões, esquece a sua própria individualidade para se identificar com Deus, adquire liberdade, na medida em que reconhece ser falso o livre arbítrio, torna-se perfeito, e é já imortal. A moral consiste em esquecer-se de si próprio, conhecer e amar Deus e, n’Ele, todos os seres, especialmente os que são capazes de o amar.



“O Amor de Deus, diz Espinoza, não pode ser maculado por nenhum sentimento de inveja nem de ciúme, e é mantido em nós com tanta mais força quanto nos representamos um maior número de homens como unidos a Deus num mesmo laço de Amor”.

Voltamos assim ao ponto de partida: A libertação da alma através do Amor de Deus.

Pergunta o Mestre: “Por que motivo desejais libertar-vos? A fim de poderdes servir melhor, tentais unir-vos a Deus. O que é Deus? Deus é Amor. É necessário desenvolver em vós o Amor se aspirais a unir-vos com Ele. Esta qualidade requerida é pois, na realidade, o Amor”.

Este desejo de libertação é mais que simples desejo, deve ser vontade firme de nos unirmos a Deus, não para fugirmos ao sofrimento, mas para colaborarmos no Plano Divino.

A Divindade Solar manifesta-se sob três aspetos: Vontade, Sabedoria e Amor e portanto os homens aproximam-se d’Ela de três maneiras diferentes segundo o caminho que melhor convém às necessidades, embora, no fim, todos se reúnam e confundam num só: O Caminho da Perfeição. O Caminho seguido pelos Mestres é o do Amor Ativo e quem quiser trilhá-lo deve consagrar as faculdades do seu tipo particular ao serviço ativo de Deus e da Humanidade. Se Deus para nos dar a vida se sacrificou, por Amor, o Homem que procura Deus deve manifestar o mesmo desprendimento por si no interesse da obra a realizar em Deus.

Quem tiver realizado em si o perfeito Amor refletindo-o nos atos mais simples da vida quotidiana, alcançará a paz íntima e profunda da Vida Espiritual. O Caminho,

sempre difícil, será agora um caminho ascendente, dirigido ao âmago das coisas, que é o Amor. Tudo deve ser reduzido ao círculo do Amor. Pouco importa o exterior das coisas: no seu coração permanecem a Vida e o Amor.

O mal que sofremos por vezes é o resultado de não sabermos amar convenientemente os nossos irmãos. Ter o coração cheio de Amor é a melhor defesa contra o mal porque, derramando esse sentimento pelo mundo, desperta em todas as coisas, por atração, uma resposta equivalente. Eis o motivo pelo qual todos os seres vivos se aproximam do homem que ama, visto serem todos de origem divina.

À medida que a alma se liberta dos desejos e das cadeias do mundo exterior, eliminando progressivamente todas as ambições das vidas passadas, que a experiência revelou incapazes de a satisfazer, cessa toda a preocupação da personalidade e dá-se a imersão no Grande Todo. Uma vez quebrada esta cadeia que liga o homem à roda dos nascimentos e das mortes, só um laço o poderá prender ainda à terra: O Amor dos seus semelhantes, o desejo de os servir. É o que podemos deduzir do seguinte passo de “A Voz do Silêncio”:

“Doces são os frutos do repouso e da libertação por amor de si; mas mais doces ainda os frutos do longo e amargo dever da renúncia por amor dos outros, por amor dos irmãos em humanidade que sofrem”.

Teosoficamente, o Amor é o mais puro reflexo da unidade e da energia criadora da Vida, de Deus, da Natureza.

É a “transcendência mística do menos”, “a esplêndida fusão do tempo e da

eternidade” no dizer de George Arundale. Compreenderemos melhor o sentido desta transcrição se pensarmos que para construir em nós a Mónada Divina devemos destruir todo o vestígio do Humano.

É pelo Amor que todos os seres se acham ligados, porque ele é a vida, a felicidade, a paz, a confiança, a imortalidade.

Conhecer o verdadeiro Amor é, por assim dizer, entrar em contacto com o Real através do Irreal, é abrir as portas da Alma ao próprio Deus, é atingir a

Perfeição, é ascender do mutável ao permanente, ao Eterno!

Procuremos conservar imaculada a centelha de Amor Divino que habita nos nossos corações, e esforcemo-nos, igualmente, por Amar cada vez mais e melhor, dando, dando sempre, como quem distribui pedaços da Alma sem nada exigir em troca. ∞

In: Osíris, n.º 78 / abril, maio, junho 1952

### *AMOR-VIRTUDE*

Onde há esforço, não há verdadeira virtude. Todo o ato de virtude é feito sem esforço, como o perfume que da rosa se evola. – *Krishnamurti*.

Pedimos sempre alguma coisa em troca do nosso amor. Quem verdadeiramente ama limita-se a dar o seu amor. – *Annie Besant*.

*Vão-se os anos nos longes do Passado  
E, com eles, toda a ilusão querida,  
Toda a esperança mais apeteçada,  
Todo o fulgor do bem que foi sonhado.*

*Só não fenece o amor retemperado  
Em cada encarnação que foi vivida;  
É qual Fénix das cinzas renascida  
E sempre pronto a ser crucificado.*

*É o amor mais constante, puro e forte,  
Sem recriminações da dor que aflige,  
Nem vãos queixumes contra a sua sorte.*

*Amor tal que em renúncia se resume,  
Amor que só se dá e nada exige,  
Como a flor que se expande em seu perfume!*

Luso Bernaldo

In: Osíris n.º 50 / abril, maio, junho 1945

*A dúvida é um unguento precioso,  
Embora queime, cura eficazmente.*

*Eu te digo:  
Convida a dúvida,  
Quando estiveres na plenitude do desejo.  
Apela para a dúvida  
No momento em que a tua ambição  
Estiver ultrapassando os outros  
No pensamento.  
Acorda a dúvida,  
Quando o teu coração estiver gozando um grande amor.*

*Eu te digo:  
A dúvida faz nascer o amor eterno.  
A dúvida limpa a mente da sua corrupção.*

*Assim, a força dos teus dias  
Se formará no conhecimento.*

*Para a plenitude do teu coração  
E para o voo do teu espírito  
Deixa a dúvida arrancar as tuas perplexidades.*

*Como os frescos ventos das montanhas  
Que despertam as sombras dos vales,  
Assim, deixa a dúvida  
Animar o amor em declínio  
De um espírito satisfeito*

*Não deixes a dúvida entrar a furto no teu coração.*

*Eu te digo que a dúvida  
É um unguento precioso.  
Embora queime, cura eficazmente.*

J. Krishnamurti  
In: A Canção da Vida

## LIBERDADE DE PENSAMENTO

*Resolução aprovada pelo*

*Conselho Geral da S.T. a 30 de Dezembro de 1924*

Uma vez que a Sociedade Teosófica se espalhou por todo o mundo civilizado e que tem nos seus quadros membros de todas as Religiões, os quais não renunciam às doutrinas peculiares e ensinamentos de suas respectivas crenças – logo que não vão contra o Princípio da Fraternidade Universal sem distinção de qualquer espécie – conclui-se ser desejável acentuar o facto de não haver nenhuma doutrina ou opinião ensinada, que o membro da Sociedade seja obrigado a seguir ou não tenha liberdade de aceitar ou recusar. A aceitação dos seus objetivos é a única condição para tornar-se membro da Sociedade. Nenhum escritor ou instrutor, seja H. P. Blavatsky ou qualquer outro, tem autoridade para impor os seus ensinamentos ou opiniões aos membros. Pode apenas expô-los. Cada membro tem igual direito de aceitar qualquer escola de pensamento da sua preferência, mas não tem o direito de impor aos outros. A ninguém se pode negar o direito de votar ou de ser elegível por causa das opiniões que defenda ou da escola de pensamento a que pertença, logo que o Princípio da Fraternidade seja respeitado, pois as opiniões ou crenças não conferem privilégios, nem acarretam penalidades de qualquer espécie. Os membros do Conselho Geral rogam, encarecidamente, a todos os membros da Sociedade Teosófica, que sustentem, defendam e atuem de acordo com os princípios fundamentais da Sociedade e também exerçam com firmeza o seu direito de liberdade de pensamento e expressão, dentro dos limites de cortesia e delicadeza para com os demais.

## INDEPENDÊNCIA DA SOCIEDADE TEOSÓFICA

*Resolução aprovada pelo*

*Conselho Geral da S.T. a 30 de Dezembro de 1950*

Embora cooperando com quaisquer outras entidades cujos objetivos possibilitem tal cooperação, a Sociedade Teosófica é e deve permanecer uma Organização inteiramente independente daquelas, sem compromissos com quaisquer objetivos que não os seus e atenta ao desenvolvimento do seu próprio trabalho, dentro das normas mais amplas, de modo a dirigir-se para o fim expresso nos seus Objetivos, que incluem o conceito de Sabedoria Divina contido na expressão «Sociedade Teosófica».

Dado que a Fraternidade Universal e a Sabedoria são insuscetíveis de definições completas, há, individual e coletivamente, total liberdade de pensamento para todos os membros da Sociedade, procurando esta manter sempre o seu caráter único e distinto, sem se identificar com qualquer outra organização.

## SOCIEDADE TEOSÓFICA DE PORTUGAL

Rua José Estevão 10 B,  
1150-202 Lisboa

www.sociedadeteosoficadeportugal.pt  
geral@sociedadeteosoficadeportugal.pt  
telf.: 213 534 750

### *Ramos e Grupos de Estudo*

- ÉVORA -

**Boa Vontade** - Maria João Figueira,  
mjoaofigueira2009@gmail.com

- LISBOA -

**Annie Besant** - Carlos Guerra,  
carlos.a.g.guerra@gmail.com,  
telf.: 266 703 135, 965 741 281

**Aquário** - António Almeida,  
antonioicrpalmeida@gmail.com,  
telf.: 218 137 424, 964 786 035

**Fraternidade** - José António Alves,  
isabeljoseantonio@gmail.com

**Isis** - Maria Lucília Meleiro,  
telf.: 217 165 129

**Koot-Hoomi** - Isabel Nobre Santos,  
minobre@yahoo.com

**Lotus Branco** - (o ramo será reativado,  
tão cedo quanto possível)

**Maitreya** - Maria de Lourdes Simões,  
mlourdessimoes@sapo.pt, 965 100 947

- PORTO -

**Dharma** - Gabriel Pedro Velasques,  
**Horus** - José Almeida

informação comum a ambos os ramos:  
1.ª e 3.ª quinta-feira do mês, 21:30,  
Praça da República 13, 3.ºB, Porto,  
shakti@sapo.pt, 963 408 166

- SÃO MIGUEL, AÇORES -

**G. E. Arcanjo Miguel** - Lubélia  
Travassos, lubtravassos@gmail.com,  
telf.: 296 285 266

- SETÚBAL -

**G. E. Amor, Verdade e Beleza** -  
(o grupo de estudos encontra-se em  
reativação)

# Sociedade Teosófica

**Presidente:** Mr Tim Boyd • **Vice-Presidente:** Dr Chittaranjan Satapathy • **Secretária:** Ms Marja Artamaa • **Tesoureiro:** Mr K. Narasimha Rao

**Sede:** Adyar, Chennai (Madras) 600 020, India • [www.ts-adyar.org](http://www.ts-adyar.org)

**Órgão Oficial do Presidente:** "The Theosophist", fundado por H. P. Blavatsky em 1879

Ano*	Secção	Secretário Geral	Endereço	Revista	Email
1947	Africa, East & Central	Mr Narendra M. Shah	PO Box 14525, 00800-Westlands, Nairobi, Kenya	<i>The Theosophical Light</i>	<a href="mailto:narendrashahi999@gmail.com">narendrashahi999@gmail.com</a>
1909	Africa, South	Mr Jack Hartmann	9 Roncan, 38 Princess Ave., Windsor E. 2194	<i>The S. African Theosophist</i>	<a href="mailto:hartmann.jack.c@gmail.com">hartmann.jack.c@gmail.com</a>
1956	Africa, West	Mr John Osmond Boakye	PO Box 720, Accra, Ghana	<i>The W. African Theosophist</i>	<a href="mailto:tswafrika@gmail.com">tswafrika@gmail.com</a>
1929	America, Central *	Mrs Beatriz Martínéz Pozas	Colonia Univ. Norte, Calle Julio Mejía, Polígono E-7, Mejicanos, San Salvador, El Salvador C. A.		<a href="mailto:bemapo@hotmail.com">bemapo@hotmail.com</a>
1920	Argentina	Mr Jorge Garcia	Santiago 257 - 2000, Rosario	<i>Teosofia en Argentina Newsletter</i>	<a href="mailto:stargentina@sociedad-teosofica.com.ar">stargentina@sociedad-teosofica.com.ar</a>
1990	Asia, East and Southeast †	Mr Chong Sanne	540 Sims Avenue, No. 03-04 Sims Avenue Centre, Singapore 387 603		<a href="mailto:sanne@theosophyasia.net">sanne@theosophyasia.net</a>
1895	Australia	Mrs Linda Oliveira	Level 2, 162 Goulburn St., Surry Hills, NSW 2010	<i>Theosophy in Australia</i>	<a href="mailto:tshq@austheos.org.au">tshq@austheos.org.au</a>
1912	Austria *	Mr Albert Schichl	Oberbaumgarten 25, 4204 Haibach im Muhlkreis	<i>Teosofie Adyar</i>	<a href="mailto:theosophie.austria@aon.at">theosophie.austria@aon.at</a>
2013	Bangladesh †	Mr B. L. Bhattacharya	B/4-3, Iswarchandra Nibas, 68/1, Bagmari Road, Kolkata 700 054		<a href="mailto:bitbos_2005@yahoo.com">bitbos_2005@yahoo.com</a>
1911	Belgium	Mrs Sabine Van Osta	Place des Gueux 8, B1000 Brussels	<i>Le Lotus Bleu</i>	<a href="mailto:sabine_van_osta@hotmail.com">sabine_van_osta@hotmail.com</a>
1965	Bolivia	Mrs Guillermina Rios de Sandoval	Passage Jauregui No. 2255, La Paz		<a href="mailto:guillieriossandoval@yahoo.com">guillieriossandoval@yahoo.com</a>
1920	Brazil	Mr Marcos L. B. de Resende	SGAS - Quadra 603, No. 20, CEP 70200-630 Brasília (DF)	<i>Sophia</i>	<a href="mailto:marcos.resende@ricdel.com.br">marcos.resende@ricdel.com.br</a>
1924	Canada *	Mrs Maryze DeCoste	3162 Rue de la Bastille Boisbriand QC, J7H 1K7	<i>The Light Bearer</i>	<a href="mailto:modecoste@hotmail.com">modecoste@hotmail.com</a>
1920	Chile *	Mr Cesar Ortega Ortiz	Casilla 11 Sucursal Paseo Estacion, Estacion Central, Santiago	<i>Revista Teosofica Chilena</i>	<a href="mailto:sociedadteosoficachile2010@gmail.com">sociedadteosoficachile2010@gmail.com</a>
1937	Colombia †	Mrs Nelly Medina de Galvis	Carr 22, # 45B-38 (Cons. 404), Barrio Palermo, Bogotá	<i>Selección Teosofica</i>	<a href="mailto:nmedinaga@yahoo.es">nmedinaga@yahoo.es</a>
1997	Costa Rica †	Mrs Maria Orlich	Apartado 8-6710-1000, San José		<a href="mailto:orlichsm@gmail.com">orlichsm@gmail.com</a>
2007	Croacia Δ	Mrs Nada Tepeš	Krajiška Ulica 24, 10000 Zagreb	<i>Teozofija</i>	<a href="mailto:z.zemlja@gmail.com">z.zemlja@gmail.com</a>
1905	Cuba	Ms Barbara A. F. Piña	Apartado de Correos 6365, La Habana 10600		<a href="mailto:teocuba.sociedad@gmail.com">teocuba.sociedad@gmail.com</a>
1987	Dominican Republic †	Mrs Magaly Polanco	Calle Santa Agueda 1652 Les Chalet Col San Juan, Puerto Rico Apartado 23 00926		<a href="mailto:polancomagaly@yahoo.com">polancomagaly@yahoo.com</a>
1888	England	Mrs Jenny Baker	50 Gloucester Place, London W1U 8EA	<i>Insight Teosofi</i>	<a href="http://www.theosoc.org.uk">president@theosoc.org.uk</a>
1907	Finland	Mrs Mirva Jaatinen	Teosofinen Seura, Vironkatu 7C2, Fin 00170, Helsinki		<a href="http://www.teosofinenseura.fi">info@teosofinenseura.fi</a>
1899	France	Mrs Jeannine (Nano) Leguay	4 Square Rapp. 75007 Paris	<i>Le Lotus Bleu</i>	<a href="mailto:editionsadyar@wanadoo.fr">yditionsadyar@wanadoo.fr</a>
1902	Germany	Mrs Manuela Kaulich	Hauptstr. 39, 93138 Lappersdorf	<i>Adyar</i>	<a href="mailto:theosophie-adyar@gmx.de">theosophie-adyar@gmx.de</a>
1928	Greece	Mr Antonios Papandreou	25 Voukourestiou St., 106 71-Athens	<i>Ilisos</i>	<a href="mailto:info@theosophicalsociety.gr">info@theosophicalsociety.gr</a>
1907	Hungary †	Mr Thomas Martinovich	Hunyadi Janos ut 17. II. 8, H-1011 Budapest	<i>Teozofia</i>	<a href="mailto:tshtutau7@hu.inter.net">tshtutau7@hu.inter.net</a>
1921	Iceland	Mr Halldor Haraldsson	P.O. Box 1257 Ingolfstraeti 22, 121 Reykjavik	<i>Gangleri</i>	<a href="mailto:iceland.ts@gmail.com">iceland.ts@gmail.com</a>
1891	India	Mr S. Sundaram	The Theosophical Society, Varanasi - 221 010	<i>The Indian Theosophist</i>	<a href="mailto:theosophyvn@gmail.com">theosophyvn@gmail.com</a>
1912	Indonesia	Mr Widyatmoko	Dsn. Paralegi no. 21, RT 02/ RW 09, Desa Purwodadi, Kecamatan Purwodadi, 67163 Pasuruan, Jawa Timur	<i>Teosofi</i>	<a href="mailto:indotheosofi@gmail.com">indotheosofi@gmail.com</a>
1949	Ireland *	Mrs Marie Harkness	97 Mountsandel Road, Coleraine, Co. Londonderry, UK BT52 1TA		<a href="mailto:maricharkness@yahoo.co.uk">maricharkness@yahoo.co.uk</a>
1954	Israel Δ	Mr Abraham Oron	PO Box 9114, Ramat-Gan, Israel 5219002	<i>Or</i>	<a href="mailto:ornet@teosofia.co.il">ornet@teosofia.co.il</a>
1902	Italy	Mr Antonio Girardi	Viale Quintino Sella, 83/E, 36100 Vicenza	<i>Rivista Italiana di Teosofia</i>	<a href="mailto:sti@teosofia.org">sti@teosofia.org</a>
1997	Ivory Coast *	Mr Pierre-Magloire Kouahoh	Yopougon, 23 Rue Princesse - B.P. 3924, Abidjan 23	<i>Sophia</i>	<a href="mailto:pm_kouahoh@hotmail.com">pm_kouahoh@hotmail.com</a>
1919	Mexico	Mr Enrique Sanchez	Ignacio Mariscal 126 Col. Tabacalera Mexicana, Mexico, D.F. 06030		<a href="mailto:sede@sociedadteosofica.mx">sede@sociedadteosofica.mx</a>
1897	Netherlands	Mr Wim Leys	Tolsraat 154, 1074 VM Amsterdam	<i>Teosofia TeoSophia</i>	<a href="mailto:info@sociedadteosofica.mx">info@sociedadteosofica.mx</a>
1896	New Zealand	Mr Jhon Vorstermans	18, Belvedere Street, Epsom, Auckland 1051		<a href="mailto:info@teosofie.nl">info@teosofie.nl</a>
1913	Norway *	Dr Saeh Moezje	N-6873-Marijora		<a href="mailto:np@teosophy.org.nz">np@teosophy.org.nz</a>
1935	Orlando Δ	Mr Carl Metzger	1606 New York Ave., Orlando, Florida 32803-1838, USA		<a href="mailto:saleh.noshie@bedriftshelse1.no">saleh.noshie@bedriftshelse1.no</a>
1948	Pakistan †		Jamshed Memorial Hall, M. A. Jinnah Road, opp. Radio Pakistan, Karachi	<i>The Karachi Theosophist</i>	<a href="mailto:bhagwanbharvani@hotmail.com">bhagwanbharvani@hotmail.com</a>
1924	Peru †	Mr Julio Gerardo Pomar Calderón	Av. Republica de Portugal 152, Breña, Lima 5	<i>Búsqueda</i>	<a href="mailto:sede-central@sociedadteosoficaenperu.pe">sede-central@sociedadteosoficaenperu.pe</a>
1933	Philippines, The	Mr Rosel Doval-Santos	Corner P. Florentino and Iba Streets, Quezon City, Manila	<i>The Philippine Theosophist</i>	<a href="mailto:philtheos@gmail.com">philtheos@gmail.com</a>
1921	Portugal	Mrs Ana Maria Coelho de Sousa	Rua José Estevão, 10 B, 1150-202 Lisboa	<i>Osiris</i>	<a href="mailto:geral@sociedadteosoficadeportugal.pt">geral@sociedadteosoficadeportugal.pt</a>
1925	Puerto Rico †	Mrs Magaly Polanco	Apartado 36-1766, 609 Correo General. San Juan, Puerto Rico 00936-1766	<i>Heraldo Teosófico</i>	<a href="mailto:polancomagaly@yahoo.com">polancomagaly@yahoo.com</a>
2012	Qatar Δ	Mr Lijo Joseph	Crewing Officer, Teyseer Services Company P.O. Box 2431, Doha		<a href="mailto:qatarblavatskyldodge@yahoo.com">qatarblavatskyldodge@yahoo.com</a>
2013	Russia †	Mr Pavel Malakhov	Molodyozhny pr., 10-221, 650070, Kemerovo		<a href="mailto:pr@ts-rossia.org">pr@ts-rossia.org</a>
1910	Scotland *	Mr Stuart Trotter	28 Crown King Street, Edinburgh, EH3 6QH	<i>Circles</i>	<a href="mailto:albert.trotter@gmail.com">albert.trotter@gmail.com</a>
1992	Slovenia *	Mrs Breda Zagar	Kunaverjeva 1 SLO - 1000 Ljubljana	<i>Teozofska Misel</i>	<a href="mailto:zagarbreda@gmail.com">zagarbreda@gmail.com</a>
1921	Spain	Mrs Angeles Torra Buron	Av. Vall d'Or, 85-87, 08197 - Valldoreix	<i>Sophia</i>	<a href="mailto:presidencia@sociedadteosofica.es">presidencia@sociedadteosofica.es</a>
1926	Sri Lanka †	Mr M. B. Dussanayake	2-C/60, Maththegoda Housing Scheme, Maththegoda	<i>The Sri Lanka Theosophist</i>	<a href="mailto:mdbassa@gmail.com">mdbassa@gmail.com</a>
1895	Sweden	Mrs Ing-Britt Wiklund	Kalle Posts vag 48, S-702 29 Orebro	<i>Tidlös Visdom</i>	<a href="mailto:ing-britt@wiklund-orebro.se">ing-britt@wiklund-orebro.se</a>
1910	Switzerland †	Mrs Eliane Gaillard	17 Chemin de la Côte, CH-1282 Dardagny, Genève	<i>The Lotus</i>	<a href="mailto:egaillard@bluewin.ch">egaillard@bluewin.ch</a>
1997	Togo *	Mr Kouma Daké	S.O., A.R.T.T., BP 76, Adeta		
2007	Ukraine *	Mrs Svetlana Gavrylenko	Office 3, 7-and Zhylianska St., Kiev 01033	<i>Svitoch</i>	<a href="http://www.org@teosophy.in.ua">org@teosophy.in.ua</a>
1886	USA	Mr Tim Boyd	PO Box 270, Wheaton, IL, 60187-0270	<i>The Quest</i>	<a href="mailto:admin@theosophical.org">admin@theosophical.org</a>
1925	Uruguay *	Mr Ramon Garcia	Javier Barrios Amorin 1085, Casilla de Correos 1553, Montevideo		<a href="mailto:st.uruguay@gmail.com">st.uruguay@gmail.com</a>
1925	Venezuela †	Mrs Nelly Nouel	Av. Macaure Qta. Amore, Mararaquat, Caracas		<a href="mailto:nellynouel5@gmail.com">nellynouel5@gmail.com</a>
1922	Wales *	Mrs Julie Cunningham	Bryn Adda, Brynscyenc, Llanfairpwll, Anglesey, LL61 6NX UK		<a href="mailto:theosophywales@yahoo.co.uk">theosophywales@yahoo.co.uk</a>

## SOCIEDADE TEOSÓFICA

A Sociedade Teosófica foi fundada em Nova Iorque, Estados Unidos da América, a 17 de novembro de 1875.

A sua Sede Internacional foi instalada em Adyar, Chennai (Madras), Índia, em 1882.

## OBJETIVOS DA SOCIEDADE TEOSÓFICA

- 1.º Formar um núcleo da Fraternidade Universal da Humanidade, sem distinção de raça, credo, sexo, casta ou cor.
- 2.º Encorajar o estudo comparado das Religiões, das Filosofias e das Ciências.
- 3.º Investigar as leis inexplicadas da Natureza e os poderes latentes no Homem.

### **Conselho da Federação Europeia das Sociedades Nacionais**

*The Council of the European Federation of National Societies*

Presidente: Trần-Thi-Kim-Diêu

67 Rue des Pommiers

F-45000 Orleans, France

trankimdieu@msn.com

### **Federação Teosófica Inter-Americana**

*Inter-American Theosophical Federation*

Presidente: Mrs Isis M. B. Resende

SGAS 603 conj. E s/n. Brasília-DF, CEP 70200-630 - Brasil

imbresende@gmail.com

### **Federação Teosófica Indo-Pacífico**

*Indo-Pacific Theosophical Federation*

Presidente: John Vorstermans

60B Riro Street, Point Chevalier

Auckland 1022, New Zealand

john@theosophy.org.nz

### **Federação Teosófica Pan-Africana**

*Pan-African Theosophical Federation*

Presidente: Jack Hartmann

9 Ronean, 38 Princess Avenue, Windsor E 2194, South Africa

hartmann.jack.c@gmail.com